



Clássicos Pensamento

A VOZ DO SILÊNCIO

H. P. Blavatsky

PEQUENA GRANDE ENCICLOPÉDIA
DA ESPIRITUALIDADE UNIVERSAL

Pensamento

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



Clássicos Pensamento

A VOZ DO SILÊNCIO

H. P. Blavatsky

PEQUENA GRANDE ENCICLOPÉDIA
DA ESPIRITUALIDADE UNIVERSAL

Pensamento

A VOZ DO SILÊNCIO

H. P. Blavatsky

A VOZ DO SILÊNCIO

Com uma introdução, notas e índice remissivo de

A. J. HAMERSTER

Tradução de

JOAQUIM GERVÁSIO DE FIGUEIREDO



Editora
Pensamento
SÃO PAULO

Título do original: *The Voice of the Silence*.

Edição Adyar Theosophical Publishing House, 1953.

1ª edição 2010.

4ª reimpressão 2017.

A presente tradução foi feita com base na 7ª edição em inglês.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Pensamento não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Produção de ebook: **S2 Books**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Blavatsky, H. P., 1831-1891.

A voz do silêncio / H. P. Blavatsky ; com uma introdução, notas e índice remissivo de A. J. Hamerster ; tradução de Joaquim Gervásio de Figueiredo. – São Paulo : Pensamento, 2010.

Título original : The voice of the silence.

ISBN 978-85-315-1612-2

1. Budismo – Tibete 2. Misticismo – Budismo I. Hamerster, A. J. II. Título.

10-01434

CDD-299.934

Índices para catálogo sistemático:

1. Teosofia : Religião 299.934

1ª Edição digital 2018

e-ISBN 978-85-315-1996-3

Direitos de tradução para a língua portuguesa
adquiridos com exclusividade pela

EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA.

Rua Dr. Mário Vicente, 368 — 04270-000 — São Paulo, SP

Fone: (11) 2066-9000 — Fax: (11) 2066-9008

E-mail: atendimento@editorapensamento.com.br

<http://www.editorapensamento.com.br>

que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Foi feito o depósito legal.

Sumário

Parte I
INTRODUÇÃO À EDIÇÃO DE 1939
por Arya Asanda (A. J. Hamerster)

Folha de rosto

Créditos

Introdução à Edição de 1939

1. Um livro vivo
2. Em Fontainebleau
3. Em Jersey
4. Em Londres
5. O Budismo de H. P. B.
6. O Budismo dos Mestres
7. O Budismo do Mahâyâna
8. Os Lamas Tibetanos
9. A Presente Edição de Jubileu

10. Anotações

I. Bodhidharma

II. Escolas Esotérica e Exotérica

III. Pratyeka Budha e Bodhisattva

IV. Naljor

V. Álaya

VI. A Estrutura do Poema

I. A senda probacionária (69)

A. Os Três Vestíbulos
(Tristeza, Instrução e
Sabedoria) (22-23)

B. Os Sete Estágios e
Sons Místicos (41-49;
81-89)

C. Os Quatro Modos da
Verdade (Miséria,
Domínio da Tentação,
Destruição do Pecado,
Entrada na Senda) (46)

II. As duas sendas

III. A segunda senda, ou a Árya
(302)

As Sete Perfeições (206-214)

Parte II **A VOZ DO SILÊNCIO**

Prefácio de H. P. B

Dedicatória

Fragmento I

A Voz do Silêncio

Fragmento II

As Duas Sendas

Fragmento III

Os Sete Portais



Introdução à Edição de 1939

1. Um livro vivo

Faz exatamente cinquenta anos que *A Voz do Silêncio* foi publicada pela primeira vez. Desde então muitas edições têm se sucedido rapidamente, não menos que catorze apenas com os editores originais.

Alguns livros nascem mortos, alguns são de vida curta, e outros alcançam certa medida de popularidade e duram sua geração, porém com razão se tem considerado uma alta ambição esperar-se que um livro seja lido por duas gerações. Poucos escritores o conseguem, e menos ainda são os que escrevem para os séculos. As obras de H. P. Blavatsky já lograram a distinção da penúltima categoria, e estou certo de que por fim lograrão conseguir a mais elevada meta ambicionada.

Mas à proporção que os anos avançam, as introduções podem auxiliar a tornar os livros das primeiras gerações mais rapidamente aceitáveis à nossa. Por essa razão esta edição de jubileu foi suprida de uma introdução, a fim de que a geração mais jovem possa melhor compreender o valor deste tesouro de ensinamentos teosóficos, vendo-o colocado em seu curso histórico.

Uma vez apresentada a autora por seu nome completo, daqui em diante me referirei a ela

apenas por suas iniciais. São duas as razões. Uma é que ela descrevia o seu livro no frontispício como “traduzido e anotado por H. P. B.”; a outra é que no exemplar de apresentação feita por ela a si mesma, conservado nos Arquivos de Adyar, ela escreveu na folha em branco: *H. P. B. a H. P. Blavatsky*, sendo a última a forma externa, que servia de veículo à primeira. É com H. P. B. que temos principalmente que ver em todo ensino teosófico, em seu sentido mais profundo.

Dois ciclos menores de sete anos haviam se passado desde a fundação da Sociedade Teosófica em Nova York, a 17 de novembro de 1875. Um trabalho hercúleo fora executado por H. P. B. nesses primeiros catorze anos; para iluminar a tenebrosa ignorância do mundo, havia ela escrito, além de inúmeros artigos, as obras monumentais *Ísis sem Véu* e *A Doutrina Secreta*. Chegara a hora de fazer soar a nova nota. A Sociedade Teosófica estava florescendo, seus membros aumentavam, seus ensinamentos se espalhavam, e mais e mais gente ingressava no movimento. Surgiu uma dupla necessidade, em primeiro lugar a de um compêndio dos ensinamentos, mais fácil de manusear e assimilar do que seus dois livros gigantes em vários volumes; em segundo lugar, a de um guia na vida prática, para que o pensamento pudesse cristalizar-se em ação, a teoria em prática.

Ambas as necessidades foram supridas pela publicação em 1889 de *A Chave da Teosofia* e *A Voz do Silêncio*, cada qual de máxima valia em sua própria esfera. A primeira, a obra mais compreensiva e sistemática de H. P. B., e a

segunda, um dos livros mais inspiradores do mundo. Foi o seu último esforço neste mundo, o último serviço prestado Àqueles cujo porta-voz ela era, e à Sua obra para elevação moral e mental da humanidade. Embora fisicamente próxima de seu fim, as faculdades mentais de H. P. B. permaneceram sempre inalteradas. Sua morte dois anos depois não foi um lento expirar, mas um súbito salto para uma nova existência.

2. Em Fontainebleau

Os últimos anos de sua vida foram vividos em Londres, na Landsdowne Road, 17, com folgas ocasionais – antes, visitas, pois ela jamais cessou por um momento suas atividades pela Teosofia – no país ou no continente. Foi durante uma estada em Fontainebleau, perto de Paris, que teve lugar a produção da *Voz do Silêncio*. Enquanto ocupada em escrevê-lo, ela foi ali visitada por Annie Besant, que havia se filiado à Sociedade Teosófica no ano anterior, e estava acompanhada de Herbert Burrows, seu fiel cooperador em suas atividades sociais. Ao que estes dois, pertencentes ao grupo de discípulos de H. P. B., escreveram no registro de suas visitas, devemos os vislumbres sobre a escrita real do livro, apresentados abaixo. Esses vislumbres nos darão uma vívida impressão da autora e de seu livro, por ocasião de escrevê-lo, segundo a observação ocular das testemunhas.

O mais antigo registro é o de Herbert Burrows, escrito no ano da morte da autora, em 1891: “Da H. P. B. autêntica, só conseguimos vislumbres ocasionais. De seu vasto e profundo conhecimento, o que poderíamos falar? Apenas nos alcançaram sempre ondulações desse conhecimento, mas essas formariam um oceano comum. Provavelmente jamais saberemos todos os motivos de sua recente encarnação. Em 1889 Annie Besant e eu estivemos com ela na França, na Floresta de Fontainebleau, e nesse interim ela fez conosco uma revisão da parte manuscrita da *Voz do Silêncio*. Remontando a esse tempo, recordo-me de que as passagens que mais a impressionaram

foram as que descrevem a trabalhosa ascensão da alma peregrina. No exemplar do livro que me deu e que nunca me deixou, ela escreveu: ‘A Herbert Burrows, meu velho amigo de uma outra e melhor encarnação; de sua sempre amorosa H. P. B.’. Pode ser que nessas palavras se oculte parte da chave da vida que ambos conhecemos.” [1]

A parte lida por H. P. B. aos seus dois visitantes é indubitavelmente o terceiro fragmento, intitulado “Os Sete Portais”, e é com efeito a mais impressiva. Mais tarde veremos que ela ainda o deu a ler a outro visitante, do que podemos seguramente concluir que, em sua opinião, esta era a sua obra mais profunda, como na opinião de seu visitante era “a maior joia de toda a nossa literatura teosófica”.

O que pensou Annie Besant sobre isso? Temos a felicidade de ter também a sua opinião registrada, em duas versões. A mais antiga e mais curta se encontra em sua *Autobiografia*, vinda à luz dois anos depois da morte de H. P. B.: “Eu fora convocada a ir a Paris para assistir, juntamente com Herbert Burrows, ao grande Congresso Trabalhista realizado ali de 15 a 20 de julho, e ambos passamos um ou dois dias em Fontainebleau, em companhia de H. P. Blavatsky, que havia se retirado para o exterior a fim de passar umas semanas em descanso. Ali vi sua tradução dos maravilhosos fragmentos de *O Livro dos Preceitos de Ouro*, agora tão amplamente conhecido sob o nome de *A Voz do Silêncio*. Ela o escreveu rapidamente, sem qualquer cópia material diante de si, e à tarde me fez lê-lo em voz alta para verificar se o ‘inglês era decente’. Ali

estava Herbert Burrows, e Sra. Candler, uma leal teósofa norte-americana, e sentamo-nos em volta de H. P. B., enquanto eu lia. A tradução estava em perfeito e formoso inglês, fluente e musical; apenas uma ou duas palavras nos pareceram poder alterar-se, e ela nos fitava qual uma criança assustada, admirada de nossos elogios – elogios que qualquer um com senso literário endossaria se lesse esse esquisito poema em prosa”. [2]

Dois anos depois, em 1895, Annie Besant fez um relato mais completo numa de suas conferências. Havendo primeiro falado da *Doutrina Secreta* de H. P. B., a conferencista prosseguiu: “Agora resta outro ponto acerca de outro livro seu, que é para mim de um interesse todo especial – *A Voz do Silêncio* – um livro que podeis conhecer. Coincidiu ser escrito enquanto eu estava com ela em Fontainebleau. É um pequeno livro, e o que vou dizer se cingirá apenas ao livro: não falo das anotações, que foram feitas depois. O livro é o que podemos chamar um poema em prosa em três capítulos. Escreveu-o em Fontainebleau, e a maior parte foi escrita enquanto eu estive com ela; eu me sentava na sala enquanto ela o escrevia. Sei que não o escreveu recorrendo a quaisquer livros; escreveu-o seguramente, hora após hora, exatamente como se estivesse escrevendo de memória ou lendo-o, mas sem nenhum livro. Ela produziu, de tarde, esse manuscrito que eu a vi escrever estando sentada a seu lado, e pediu-me e a outros que corrigíssemos o seu inglês, alegando que o havia escrito tão rapidamente que estava certa de que a redação era má. Não o alteramos senão em algumas palavras, e

o livro permanece como um espécime de obra literária maravilhosamente bela, sem incluir o resto. ... O livro é, como disse, uma prosa em verso, cheia de inspiração espiritual, cheia de alimento para o coração, estimulando as mais sublimes virtudes e contendo os mais nobres ideais. Não é uma salada feita de iguarias de várias fontes, mas um todo ético e coerente. Move-nos, não pela exposição de fatos reunidos de livros, mas por um apelo aos instintos mais divinos de nossa natureza; em si, ele é a melhor testemunha da fonte de sua origem. [\[3\]](#)

3. Em Jersey

A visita a Fontainebleau ocorreu na segunda quinzena de julho de 1889. Agora vamos ao mês de agosto, quando G. R. S. Mead; outro de seus discípulos imediatos e fiéis auxiliares no trabalho, e o último de seus secretários particulares, teve a oportunidade de dar-nos outro vislumbre do progresso da obra. H. P. B. havia regressado à Inglaterra, e permanecia em Jersey, donde “um telegrama urgente” convocou a vinda de Mead, e para onde ele voou, por certo, achando...? Deixemo-lo descrever em suas próprias palavras: “Que calorosa saudação havia na varanda daquela mansão, que era um favo de mel, e que azáfama para ter tudo confortável para o recém-chegado! Quase sempre me constituiu surpresa que a principal das acusações assacadas contra H. P. B. houvesse sido as de fraude e simulação. Por minha própria experiência, ela foi sempre superconfiante nos outros e pródiga em sua franqueza. Como um dos exemplos, nem bem eu cheguei, ela me passou o punhado de todos os seus papéis e comecei a trabalhar numa pilha de correspondência, que de outro modo teria permanecido sem resposta até o dia do juízo; pois o que ela mais detestava era ter de responder cartas. Um dia, pouco depois de minha chegada, H. P. B. entrou em minha sala com um manuscrito, que me estendeu, dizendo: ‘Leia isso, velho, e diga-me o que você pensa a respeito.’ Era o manuscrito da terceira parte da *Voz do Silêncio*, e enquanto eu o lia, ela permanecia sentada e fumava seus cigarros, batendo o pé no assoalho, como era seu hábito

frequente. Eu o fui lendo, esquecendo a sua presença na beleza e sublimidade do tema, até que ela quebrou meu silêncio com, ‘Está bem?’. Eu lhe disse que era a maior joia em toda a nossa literatura teosófica, e tentei, contra meus hábitos, traduzir em palavras o entusiasmo que eu sentia. Mas mesmo então H. P. B. não estava satisfeita com a sua obra, e expressou a maior apreensão de que houvesse falhado em fazer justiça ao original em sua tradução, e de que dificilmente poderia convencer-se de que se havia saído bem. Esta era uma de suas principais características. Nunca estava confiante em seus trabalhos literários, e prazerosamente ouvia toda crítica, mesmo de pessoas que deviam manter-se silenciosas. De maneira estranha, ela se sentia sempre mais temerosa por seus melhores artigos e trabalhos, e mais confiante em seus escritos polêmicos.” [4]

4. Em Londres

Nossa última testemunha é uma correspondente norte-americana, que a visitou na Landsdowne Road, 17, na primeira ou segunda semana de setembro seguinte. O Coronel Olcott, numa viagem à Europa, havia chegado em Londres no dia 4, e permanecia com H. P. B. na Landsdowne Road, “uma dessas largas e belas ruas – informa-nos nossa correspondente – que se encontram nas vizinhanças do Hyde Park, onde cada casa é um lar, e um lar que podia satisfazer nobremente. Bem conservados jardins ou quintais de verdes arbustos dão um toque de graça aos edifícios de estrutura de pedra que ali se usam. ‘Oui, Madame, entrez, s’il vous plait’, foi a resposta cordial à pergunta, ‘Madame Blavatsky está; posso vê-la?’. Introduzida na primeira sala à esquerda, onde uma mesa grande e móveis indicavam sinais de uso – talvez uma sala de jantar, quem sabe uma sala de recepção, e às vezes de estudos, pois sobre a mesa havia diversos papéis e escritos – eu esperei por mais ordens. Após alguns minutos, abriu-se uma porta de duas folhas e me vi face a face com um cavalheiro de grande físico, rosto afável, barba maravilhosa, um cavalheiro de maneiras e aparência tão únicas, que involuntariamente exclamei: ‘Coronel Olcott.’ – ‘Exatamente, e a senhora é minha compatriota. Sente-se.’ Apenas há alguns dias ele havia chegado em Londres, procedente da Índia; os minutos voavam à medida que ele falava do trabalho, e apenas foi interrompido por uma porta que se abria, anunciando a entrada de Madame

Blavatsky. Como descrevê-la? Seria impossível! Uma impressão geral de bondade, de poder, de maravilhosos predicações, é tudo quanto me resta na mente, neste momento. Ela se locomovia com dificuldade, pois sofria muito de reumatismo, mas, rindo, afirmava, enquanto se sentava numa poltrona: ‘já enganei os médicos e a morte tantas vezes que, dizem eles, eu espero enganar também este reumatismo, mas não é coisa fácil.’

– Mas ainda escreve, Madame?

– Por certo, escrevo como sempre. – E o Coronel Olcott, interrompendo:

– Que importa um pouco de reumatismo, contanto que ele não lhe atinja o cérebro nem os escritos?

E todos nós rimos. Falamos de Teosofia e de sua rápida expansão, de seus cooperadores, do Dr. Buck, de Cincinatti, cujo retrato estava pendurado bem acima de minha cabeça, e cujo bem conhecido rosto parecia sorrir uma saudação de boas-vindas a todos nós.

– Viu anunciada esta obra, Madame? E colocou-me nas mãos as primeiras provas de seu novo livro, *A Chave da Teosofia*. Eu não o tinha, e ela acrescentou que seria publicado muito logo, como também um livro muito menor que acabara de terminar, *A Voz do Silêncio*. Ao manifestar minha surpresa diante da soma de seus escritos, bem como de seus imensos conhecimentos revelados, o Coronel Olcott observou: ‘Trabalho com Madame Blavatsky há vários anos, e sei muito bem disso. Ela é uma locomotiva a vapor para escrever. E quando lhe digo que ao escrever *Ísis sem Véu*, com seu vasto número de citações de

antigos escritos, ela tinha acesso apenas a uma pequena estante de livros comuns; se acreditar no que lhe digo, ela lê na luz astral tão claramente como em páginas abertas. Todo este tempo percebi que um par de olhos liam meus próprios pensamentos, e que um rosto oposto a mim, que podia tornar-se a qualquer momento tão imóvel como uma esfinge, estava no momento muito amável e animado. Não posso conceber nenhuma personalidade tão expressiva e de força de vontade tão indomável quanto Madame Blavatsky'. A sala onde nos achávamos sentados estava impregnada de sua individualidade. Estava cheia de tudo que sugeria pensamento, refinamento, trabalho literário, interesse por amigos, mas não sobrava lugar para mera exibição de inúteis ornamentos. A mesa, com o coronel Olcott num lado e ela no outro, estava lotada de papéis e livros, e as paredes cobertas de fotografias. E aqui, no coração da agitada cidade, vive e trabalha a fundadora da Sociedade Teosófica.” [5]

É o último vislumbre que temos da *Voz do Silêncio* antes de sair do prelo, o que ocorreu antes do fim do mês. Em dezembro o editor interino de *The Theosophist* menciona Coronel Olcott “há algum tempo” lhe escrevera para noticiar na revista ambos, *A Chave* e *A Voz*. No entanto, os primeiros exemplares não haviam chegado ainda a Adyar. A reportagem sobre os dois livros só apareceu no número de fevereiro seguinte. [6] Foi o mais precioso livro de H. P. B., e o último que ela viu impresso.

Foi publicado simultaneamente numa edição inglesa e outra norte-americana, como se

evidencia das duas marcas diferentes, “Adyar Madras”, em uma; “New York”, na outra. Esta última é de papel mais encorpado. Existem dois exemplares com o autógrafo da edição norte-americana em Adyar, um no Arquivo e outro na Biblioteca. O primeiro é a apresentação de H. P. B. a si própria; o outro, à Sra. P. Sinnett.

5. O Budismo de H. P. B.

Tanto quanto as circunstâncias de sua gênese, conheçamos agora a matéria geral do livro, que é budista na forma e no conteúdo.

Alguns anos atrás apareceu uma edição “sob os auspícios da Sociedade Chinesa de Pesquisas Budistas” [7], que continha um retrato e alguns versos abençoadores do falecido Tashi Lama do Tibete (1883-1937), “escritos de seu próprio punho para esta reedição”. Até que ponto é verdadeiro que o livro foi efetivamente “endossado” por Sua Serena Santidade, “como sendo a única exposição autêntica em inglês da Doutrina do Coração do Budismo *Mahayana*”, como assegurava um escritor [8], não o sabemos, mas parece não restar dúvida de que teve a aprovação geral do falecido Chefe Espiritual da Igreja Tibetana. Uma outra Autoridade da Igreja Tibetana, o falecido Lama Kazi Dawa-Samdup, era também de opinião que, “a despeito das críticas adversas assacadas contra as obras de H. P. Blavatsky, há nelas provas internas adequadas de conhecimentos privativos de sua autora com as mais elevadas instruções *lamaísticas*, em que ela declarava haver sido iniciada” [9].

Agora que uma tal declaração de iniciação na sabedoria tibetana é de novo atribuída a H. P. B., convém notar como considerava ela uma afirmação similar feita no século anterior por Arthur Lillie, o qual, ao contrário do Lama Dawa-Samdup, não acreditava em tal declaração, mas queria mais precisas “informações sobre os sete anos de iniciação de Madame Blavatsky”. A

resposta de H. P. B., datada de 3 de agosto de 1884, foi: “O humilde indivíduo deste nome jamais ouviu falar em iniciação durando sete anos. Talvez a palavra ‘iniciação’ – com aquela exatidão da explicação dos termos esotéricos que tão proeminentemente caracteriza o autor de *Buda e Budismo Primitivo* queira dizer ‘introdução’? Se assim for, então lhe direi explicitamente que vivi em diferentes períodos tanto no Pequeno Tibete como no Grande Tibete, e que estes períodos combinados somam mais de sete anos. Detive-me nos conventos lamaicos! Visitei Tzigadze, o território de Tdashoo Hlumpo e suas vizinhanças, e... fui mais além, e mesmo a lugares do Tibete jamais visitados por outros europeus.” [10]

O conhecimento e inclinações de H. P. B. pelo Budismo datam de sua adolescência, quando era ainda moça. Em outra resposta ao mesmo ataque de Arthur Lillie, de 10 de setembro de 1884, ela escreveu: “Estou plenamente familiarizada com o Lamaísmo dos budistas tibetanos. Passei meses e anos de minha infância entre os calmucos lamaístas de Astracã, e com o seu sumo sacerdote. Embora heréticos em sua terminologia religiosa, os calmucos conservam ainda os mesmos termos, idênticos aos dos outros lamaístas do Tibete. Eu havia visitado Semipalatinsk e as montanhas Urais em companhia de um tio meu, que tem propriedades na Sibéria, bem como na fronteira dos países mongólicos, onde reside o ‘Lama Tarachan’. Fiz numerosas excursões além das fronteiras, e sabia tudo sobre Lamas e Tibetanos antes de meus quinze anos” [11]. E numa carta a A. P. Sinnet, em 1886, ela nos diz que “quando (eu

tinha) onze anos, minha avó me levou a viver em sua companhia; morava em Saratóvia quando meu avô foi Governador, e antes disso em Astracã, onde ele tinha muitos milhares (alguns 80 ou 100.000) de budistas calmucos sob sua jurisdição” [12].

Todas essas viagens em sua juventude e depois, em países budistas, culminaram em 25 de maio de 1880, no *pansil* aceito por H. P. B. em Galle [13], juntamente com o seu colaborador, H. S. Olcott. Pode ser que este ato público tenha sido em parte uma demonstração cavalheiresca, para ajudar a causa dos budistas no Ceilão em sua luta contra os poderes privilegiados das Igrejas Anglicana e Católica Romana, porém também temos a palavra do Mestre de que não foi somente isto. E as reminiscências acima em nenhum caso deixam qualquer dúvida de que toda a vida de H. P. B. havia sido atraída para a crença e filosofia budistas. Sua sinceridade em receber o *pansil* está provada por seu escrito poucos meses depois (agosto de 1880) ao correspondente na França: “Sou budista até as pontas de meus dedos, e isso tenho dito durante anos”. Isso é confirmado pelo Coronel Olcott, que escreveu: “Tínhamos anteriormente nos declarado budistas muito antes, na América, tanto particular como publicamente, de sorte que isto (receber o *pansil*) era apenas uma confirmação formal de nossas anteriores profissões de fé”.

Antes, em outubro de 1878, H. P. B. havia negado categoricamente que fosse budista: “Não abracei a ‘crença budista’, nem por convicção nem por qualquer outra razão. É verdade que encaro a

filosofia de Gautama Buda como o sistema mais sublime, o mais puro, e acima de tudo, o mais lógico de todos. Mas o sistema tem sido distorcido durante os séculos pela ambição e fanatismo dos sacerdotes, e tornou-se uma religião popular. As formas e os processos do culto *exotérico* ou popular desse sistema se assemelham demasiado estreitamente aos da igreja romana, que os tem servilmente plagiado, para jamais me converter a ele”. No entanto, nem bem haviam decorrido dois anos, publicamente ela “abraçou a crença budista”. Todavia, está muito claro que o seu Budismo nunca poderia ser o de qualquer “sistema eclesiástico”, ou igreja do Sul ou do Norte. “Assim, se o repórter (contra quem ela dirigira sua negativa) houvesse simplesmente dito que eu pertencia à religião que Buda havia inspirado, ao invés de me apresentar ao público como uma budista girando a *Roda da Lei* – ele apenas teria dito a verdade” [14].

Também o Coronel Olcott, em sua maneira abrupta e honesta, torna bem claro que não havia nada de sectarismo na profissão de fé budista sua e de H. P. B. “Ser um budista regular – escreveu – é uma coisa, e ser um corrompido sectário budista moderno, é muito outra. Falando por ela e por mim, posso dizer que se o Budismo contivesse um simples dogma que fôssemos compelidos a aceitar, não teríamos tomado o *pansil* nem permanecido budistas dez minutos. Nosso Budismo era o do Mestre-Adepto Gautama Buda, o qual era idêntico à Religião Sabedoria dos *Upanishads* arianos, e a alma de todas as antigas religiões do mundo. Em resumo, nosso Budismo era uma filosofia, não um

credo” [15].

Em abril de 1883, numa carta dirigida a outro membro na França, H. P. B. alude a si e a outros como “nós, budistas da Escola Esotérica Arhat” [16], e ao seu Budismo tal qual o testificado pelo Mestre numa carta de dezembro de 1883, em que Ele traça um paralelo, bem como um contraste, entre os dois maiores ocultistas dos primórdios do movimento teosófico: “Upasika (Madame B) e Subba Row, embora discípulos do mesmo Mestre, não seguiram a mesma Filosofia – uma budista e outro advaitista. Muitos preferem chamar-se budistas, não porque a palavra se vincule ao sistema eclesiástico edificado sobre as ideias básicas da filosofia de nosso Senhor Gautama Buda, mas por causa da palavra sânscrita *Buddhi*: sabedoria, iluminação; e como um silencioso protesto aos vãos rituais e cerimônias vazias, que em casos demasiadamente numerosos têm gerado as maiores calamidades”.

6. O Budismo dos Mestres

Isto nos leva a perguntar se os Mestres (de quem H. P. B. derivava e a quem referia todo o conhecimento que era seu) pertenciam a qualquer “sistema eclesiástico” específico, ou igreja. Restringir-nos-emos aos Mestres M. e K. H., os instigadores reais do movimento teosófico, de quem também emanaram *As Cartas do Mahatma*. Esta última citação mostra, para começar, a ampla mentalidade dos Mestres e Sua transcendência das estreitas limitações religiosas. Eles têm discípulos do Hinduísmo ou Budismo, do Cristianismo ou Maometismo, ou de qualquer outra denominação ou seita. “É uma ocorrência de todos os dias encontrar estudantes pertencentes a diferentes escolas de pensamento oculto sentarem-se lado a lado aos pés do mesmo Guru”, escreve o mesmo Adepto[17]. Eles se recusam a confinar-se exclusivamente a qualquer dos credos raciais, religiosos ou filosóficos conhecidos da humanidade, nem mesmo ao Advaitismo, embora este e o Budismo se enfileirem decidida e igualmente entre as maiores dádivas espirituais dos grandes instrutores do Mundo para a humanidade. Disse H. P. B.: “Após muitos estudos que pudemos dedicar-lhes, chegamos à firme convicção de que o Vedantismo e o Budismo eram duas filosofias sinônimas, quase idênticas, em espírito, se não na prática e interpretação. O sistema Vedanta é apenas Budismo transcendental, ou por assim dizer, *espiritualizado*, enquanto que o Budismo é o Vedantismo racional ou mesmo *radical*. Entre esses dois permanece a

filosofia Sâmkhya. [18]

Da maior escola do Budismo do Norte, a dos Madhyamikas, fundada por Nagárjuna, Kerne também disse que sua filosofia constituía “a contraparte budista, ou antes, a adaptação da Vedanta escolástica” [19]. De maneira semelhante, o Professor Radhakrishnan declara que “a filosofia de Nagárjuna não difere da interpretação advaitista dos conceitos do *Upanishad*” [20]. De sorte que não é de admirar quando ouvimos dos lábios do Mestre K. H. que “nem M. nem eu... jamais fomos advaitas” [21], e contudo nossa Instrução a respeito da vida una é idêntica a do advaitista em relação a Parabrahm” [22]. E tal se dá, sem dúvida, com todos os princípios fundamentais. Estes são idênticos aos mais profundos ensinamentos filosóficos e religiosos das escolas e das igrejas, porém livres das limitações raciais e sectárias com que geralmente as sobrecarregam as instituições humanas.

Há uma aparente discrepância entre as declarações acima em *As Cartas do Mahatma*, de que nenhum dos dois Mestres é advaitino e a seguinte passagem extraída de uma carta de H. P. B. ao Coronel Olcott, de 25 de novembro de 1885. Transcrevo-a diretamente do original que se acha no Arquivo de Adyar: “O Mestre (M) é um perfeito vedantino advaitista, tanto quanto S(ubba) R(ow), e o Mah. K. H. é um autêntico Esoterista da Escola Budista. Como homens, podem diferir na sua maneira de apresentá-la; como *Mahatmas* eles *concordam*. Só há uma Verdade.” A única solução a esta discrepância é, por certo, que de um ponto de vista o Advaitismo e o Budismo diferem, mas do

outro, como vimos, são uma e a mesma coisa.

Mas, embora os Mestres estejam livres de qualquer tinta de sectarismo, contudo eles pertencem externamente a pelo menos uma religião ou igreja específica: a fé budista e a igreja lamaica tibetana. Por causa destas relações particulares, bem como pelo fato de que o Buda foi o maior dos Instrutores do Mundo, e sua doutrina um dos mais puros ensinamentos espirituais, é notável nas cartas dos Mestres certa predileção pelo Budismo, ou talvez melhor, uma determinada preeminência concedida ao Budismo antes e acima de outras religiões: Hinduísmo, Maometismo, Zoroastrismo ou Cristianismo. É supérfluo dizer que esta predileção não é tanto pelos ensinamentos exotéricos quanto pelo Budismo Esotérico.

A expressão particular, citada acima, de uma das cartas de H. P. B., “nós, budistas da Escola Esotérica Arhat”, encontra eco nas palavras do Mestre M., ditadas a H. P. B. e comunicadas por ela: “nós, os discípulos dos verdadeiros *Arhats* do Budismo Esotérico e Sang-gyas”, que é Samyak-Sambuddha, o “Buda da Perfeição”, tal como *A Voz do Silêncio* traduz o termo. O próprio Mestre vai a ponto de chamar a este Budismo Esotérico, “a única filosofia verdadeira na terra” [23]. E o Maháchohan vai ainda mais longe em seu louvor. Depois de mencionar “as doutrinas esotéricas de Buda”, mais adiante refere o Mestre K. H. haver ele dito que “mesmo o Budismo exotérico é o caminho mais seguro para conduzir os homens a uma verdade esotérica” [24]. H. P. B. dá-nos a razão desta preferência de uma religião particular

sobre todas as demais, ao explicar que embora o Budismo exotérico, como toda outra religião, tenha também perdido “muito de sua vitalidade interna”, contudo essa religião sofreu isso “menos do que qualquer outra” [\[25\]](#).

7. O Budismo do Mahâyâna

O Budismo Esotérico, “a única filosofia verdadeira sobre a terra!” – é uma frase bem digna de se considerar. É deste Budismo Esotérico que os Mestres se declaram partidários, não dos “sistemas eclesiásticos” Hinayana ou Mahâyâna, como de qualquer outra seita ou escola particular do Budismo, embora indubitavelmente os Sutas do Mahâyâna pareçam mais próximos de uma verdadeira exposição das doutrinas budistas esotéricas, a julgar pela preferência com que em suas cartas os Mestres os citam diretamente ou as parafraseiam em suas próprias palavras.

Talvez baste um exemplo. O Budismo do Hinayana nega categoricamente a existência de uma alma permanente, seja em conexão ou à parte do corpo. Todavia, o Mestre cita de um “livro budista do Norte” as seguintes palavras de Buda aos seus seguidores: “Mendicantes! lembrai-vos de que *dentro do homem não existe princípio permanente de espécie alguma*, e que somente o discípulo instruído que adquire sabedoria dizendo, “eu sou”, sabe o que está dizendo” [26]. O budista do Sul, concordando inteiramente com as palavras acima grifadas, não admitiria nem mesmo essa vaga concessão de um possível “eu”, como se acha implícito na segunda metade da sentença. Ainda menos, portanto, a posterior elucidação que o Mestre dá desta passagem, por outra citação apanhada de um “livro do Norte”. Diz Buda: “Tendes que vos libertar inteiramente dos objetos da impermanência componentes do corpo para que vosso corpo se torne permanente. ... Mas é tão

só quando houverem desaparecido todas as aparências externas que *restará um único princípio de vida, que subsiste independente de todos os fenômenos externos*” [27].

Em seu incompetente (para dizer o mínimo) livre, *Quem Escreveu as Cartas de Mahatma?* (1936), os irmãos Hare asseguram que fizeram “cuidadosas pesquisas no *Mahaparinibbana Sutta*, mas não puderam descobrir ali nenhuma passagem correspondente à curiosa citação do Mahatma (p. 113). Contudo eles tiveram acesso à *Série de Escrituras Budistas Chinesas* de Beal (p. 109). Por que pesquisar a citação do Mestre apenas no livro páli do Sul, ao invés de fazê-lo no *Paranirvana Sutra* em sânscrito do Norte? É a este Sutra que o Mestre se refere expressamente, e do qual ele tira diretamente a citação, segundo a tradução de Beal dos chineses. Compare-se o texto do Mestre, dado acima, com o seguinte do livro de Beal (p. 184): Assim fala o Buda: “Por ter o Tathagata se libertado inteiramente dos objetos da impermanência componentes do corpo, por isso mesmo o seu corpo é permanente. ... Desaparecidas todas as aparências externas, resta tão só aquele único princípio de vida verdadeiro, que subsiste independente de todos os fenômenos externos”. As demais sentenças no texto do Mestre foram evidentemente adicionadas por ele à guisa de comentário [28].

Os irmãos Hare declaram que neste texto o Mestre “faz Buda desdizer sua doutrina de *Anatta*, ensinada em toda a sua vida”, da qual o Mestre em algum lugar se confessa um aderente (p. 111). Esta doutrina proclama a ausência de alma ou o não eu

de todos os fenômenos. Mas quem poderá dizer que neste ponto o ensino do Hinayana se aproxima mais da verdade do que o do Mahâyâna? Em todo caso, o próprio Mestre parece achar o segundo mais em harmonia com o Budismo Esotérico.

Para focalizar ainda mais este ponto, oferecerei outra passagem extraída do mesmo *Mahaparinirvana Sutra* (Beal, p. 180). Diz o Buda: “Ó nobre juventude! quando o mundo, cansado de tristezas, se afasta e se separa da causa de todas essas tristezas, então, por esta voluntária rejeição, permanece o que chamo *o verdadeiro eu*; e é deste que explicitamente declaro a doutrina de que é permanente, pleno de alegria, pessoal e puro”.

À visão de um budista do Hinayana *A Voz do Silêncio* seria, com efeito, um amontoado de heresias, tão essencialmente é o seu conteúdo uma produção do Mahâyâna. Está cheio de Alma e de Eu, como o mostrará um rápido exame do Índice. Por exemplo, as palavras do Instrutor ao Eu liberto daquele que se tornou Arhat (vs. 90):

E agora o teu Eu está perdido no EU;
tu mesmo em TI MESMO,
imerso n’AQUELE EU,
do qual primitivamente irradiaste.

Uma tal glorificação e apoteose do EU seria inteiramente inaceitável a um budista do Sul.

Durante demasiado tempo tem estado o Ocidente sob a impressão de que o Budismo do Hinayana é o herdeiro mais importante e mais autêntico dos ensinamentos de Gautama. Isto não é verdadeiro, nem como fato nem como teoria.

Essa impressão foi criada pelo entusiasmo dos eruditos ocidentais que primeiro entraram em contato mais sério com o Budismo através das fontes páli. Mas chegou a hora de se compreender que, tanto em extensão de países e número de fiéis, como em profundidade de filosofia, o Budismo do Mahâyâna superou o seu irmão. Entre os que trabalham pela expansão de ideias mais claras sobre este ponto, o mais destacado é o professor Daisetz Teitaro Suzuki[29]. Seus livros auxiliarão materialmente o estudante a compreender melhor *A Voz do Silêncio*.

8. Os Lamas Tibetanos

Dissemos que externamente e de uma forma qualquer os Mestres pertencem à Igreja Tibetana Lamaica. O Mahachohan fala de si e de seus colegas como “os discípulos dos Lamas perfeitos” [30]. E, com base na autoridade do esquivo Damodar K. Mavalankar, também temos que, por exemplo, o seu “venerável *Guru Deva* – isto é, o Mestre K. H. – ocupa um bem conhecido cargo público no Tibete, sob o título de *Teshu Lama*” [31]. Diz-nos ainda C. W. Leadbeater que ambos os Mestres, K. H. e M., pertencem à seita reformada dos Gelug-pa ou Capelos Amarelos, a qual também “pertencem o Dalai Lama e o Teshu Lama, bem como o governo atual do país. O povo desta seita usa, nas grandes solenidades, mantos amarelos e curiosos capelos, altos, pontudos, semelhantes a capacetes” [32].

Desejo realçar especialmente este ponto, porque existem algumas passagens nos escritos de H. P. B. que parecem negar categoricamente as informações acima. No mesmo ano em que Damodar escreveu o precedente, H. P. B. declarava: “Jamais sonhou alguém dizer que o Mahatma (K. H.) fosse um Lama ou “monge tibetano”. Os que estão imediatamente ligados a ele sabem que ele nunca teve tal pretensão, nem alguém jamais fez isso em seu nome, ou no de nosso Mestre (M.) (do Coronel Olcott e meu próprio). *Nenhum dos (dois) Mahatmas*, cujos nomes são conhecidos no Ocidente, é *monge*. Nossos Mahatmas não são nem “Eremitas” (agora), pois terminaram sua “prática” de Yoga; nem

“Peregrinos”, nem “Monges”, pois toleram, porém jamais praticariam ritos budistas populares, ou *Exotéricos*. Menos ainda seriam “Apóstatas” [33].

Contudo, o próprio Mestre se confessa, não apenas participante de ritos eclesiásticos públicos, mas ter o seu tempo totalmente ocupado por eles: “Em cerca de uma semana – novas cerimônias religiosas, novas bolas brilhantes para divertir os bebês, e uma vez mais estarei ocupado noite e dia, de manhã, ao meio-dia, e à tarde”, escreveu ele em 1882 [34]. Outra prova da conformação dos Mestres às instituições externas como “sinais”, pelo menos, de realidades internas, nos é referida pelo Presidente Fundador da Sociedade Teosófica. Quando se ocupava de mobiliar a Sala Oculta ou Santuário na recém adquirida sede central de Adyar, ele escreveu em seu Diário, em 14 de fevereiro de 1883: “Anteontem (12), na presença de Madame Coulomb, caíram naquela sala uma nota de K. H. e 150 rupias, com um plano de um santuário para Buda e ordens para construí-lo”. O “Santuário” ali está hoje, ao lado de uma lagoa de lótus, próximo ao terreno de cremação e do obelisco do Coronel Olcott, a poucos passos do edifício da sede central. Às seis horas da manhã um grande sino de bronze do Templo japonês soa a hora para lembrar os que ouvem e sabem.

A própria H. P. B. testifica que os Mestres, inclusive o seu próprio Mestre, usam o capelo amarelo, “semelhante a capacete”, distintivo dos Gelug-pa Lamas: “Ele (seu Mestre) nunca usa agora o seu *puggery* (turbante) branco, mas simplesmente cinge um disco amarelo no alto de sua cabeça, como K. H.” [35].

Tais contradições em qualquer outro seriam inexplicáveis, mas em H. P. B. não são incomuns, e encontram sua explicação em sua natureza psíquica não bem equilibrada. A passagem acima citada, em que ela negava qualquer conexão dos Mestres com o Monasticismo ou Lamaísmo Tibetano, é facilmente explicada pelo fato de que fora escrita em resposta a um ataque de Arthur Lillie à veracidade de suas afirmações sobre os Mestres. Em tais casos, sua natureza fogosa e impulsiva tendia a levá-la em suas respostas até o exagero tanto em negações como em afirmações.

Uma atenta leitura das *Cartas do Mahatma* não deixa dúvida alguma de que os Mestres ocupam cargos oficiais ligados à igreja lamaica. Sua presença e participação nas grandes festividades cerimoniais, suas contínuas viagens de um grande mosteiro para outro, sua constante referência a superiores, entre as quais se mencionam especialmente *Chohans* e *Chutuktus*, sendo os últimos bem conhecidos altos oficiais eclesiásticos do governo tibetano, todas estas coisas são muitas indicações de serem eles próprios Lamas ou Monges de categoria não inferior na igreja externa, para não falar de sua posição no governo interno, esotérico, não apenas do Tibete, mas de toda a Terra.

Teria sido melhor, ou talvez “mais compreensível”, penso, se H. P. B. tivesse se restringido a dizer que os Mestres não são lamas ou monges “comuns”, e que eles provavelmente não têm residência fixa num ou noutro dos grandes mosteiros, mas vivem em seus próprios e reclusos *ashramas*, pois, como nos disse ela mais

tarde na *Doutrina Secreta* (V, 390): “Raramente se encontram estes grandes Homens em Lamasarias, a não ser em curtas visitas”. E assim diz Mme. A. David-Neel: “Os verdadeiros Adeptos do reto caminho se encontram mais fora dos mosteiros. Vivem como anacoretas em pequenas cabanas, nos desertos, em altos cumes nevados” [36]. A essas proporções, pois, estou convencido, se têm de reduzir as negativas de H. P. B.

Ela mesma, como já vimos, permaneceu por considerável tempo em diferentes mosteiros tibetanos e nepaleses. Para que, poderíamos indagar, senão porque ali poderia ela mais facilmente entrar em contato com os Mestres, e conhecer sua vontade e sua sabedoria? E não pode haver dúvida de que foi também ali que ela começou a aprender os “Preceitos de Ouro” de cor, que constituem o original da *Voz do Silêncio*. Não posso repetir aqui tudo o que se tem dito sobre este original, sua conexão com o *Livro de Dzyan*, com o sábio budista Aryasanga, e o Mestre Djwal Khul. Pode-se lê-lo no livro de C. W. Leadbeater – o segundo volume de *Talks on the Path of Occultism* (Práticas sobre a Senda do Ocultismo), comentários da *Voz do Silêncio*, que todo estudante do último terá toda vantagem em ler.

Em confirmação à declaração de H. P. B. no Prefácio, de que ela sabia de cor muitos dos “Preceitos de Ouro”, posso referir o leitor ao conselho do Mestre a A. P. Sinnett: “Leia o livro de Khiutee”, acrescentando que H. P. B. “podia traduzir alguns *paras*, pois os sabe de cor” [37]. Ora, o Livro de Dzyan, o Livro dos Preceitos de Ouro e o Livro de Kiu-ti evidentemente fazem parte de

uma grande série de obras secretas e públicas, com partes das quais de qualquer maneira H. P. B. se familiarizou durante sua estada nos mosteiros budistas. Num capítulo da *Doutrina Secreta*, com o título “Os Livros Secretos de Lam Rin e Dzyan”, ela nos diz: “O Livro de Dzyan – da palavra sânscrita ‘Dhyān’ (Dhyāna, meditação mística) – é o primeiro volume dos Comentários aos fólhos secretos de *Kiu-ti* [38], e um Glossário das obras públicas do mesmo nome. Trinta e cinco volumes de *Kiu-ti* para finalidades exotéricas e uso dos leigos podem ser encontrados na posse dos Lamas Gelug-pa tibetanos, na biblioteca de quaisquer mosteiros; e também catorze livros de Comentários e Anotações sobre o mesmo, pelos Instrutores iniciados. Estritamente falando, esses trinta e cinco livros devem ser ‘A Versão Popularizada’ da *Doutrina Secreta*, cheia de mitos, vendas e erros; os catorze volumes de *Comentários*, por outro lado – com suas traduções, anotações e amplo glossário de termos ocultos, desenvolvido de um pequeno fólio arcaico, o *Livro da Sabedoria Secreta do Mundo* – contém uma condensação de todas as Ciências Ocultas. Estas, parece, são conservadas secretas e à parte, a cargo do Teshu Lama de Tji-gad-je” [39].

O que precede talvez baste para provar a parte importante que o Budismo, especialmente o Budismo do Mahâyāna tibetano e os ensinamentos secretos lamaísticos, exerceram na preparação de H. P. B. para a sua tarefa de se tornar a Mensageira da Teosofia ao mundo moderno, e de habilitá-la para escrever o inapreciável tesouro que é *A Voz do Silêncio*.

9. A Presente Edição de Jubileu

A presente Edição de Jubileu é uma reimpressão fiel da publicação original. Não se fizeram modificações nem na pontuação, no uso de maiúsculas e grifos, ou na divisão em parágrafos (ou versos). Apenas nos seguintes pormenores há um desvio da primeira edição, o último trabalho através da imprensa, feito pela própria H. P. B.:

1. Ao sistema de soletrar antiquado de H. P. B., nem sempre consistente com a pronúncia das palavras sânscritas, preferiu-se um sistema mais moderno. Mas ainda aqui as modificações foram ligeiras, consistindo principalmente de um emprego mais coerente de sinais diacríticos para as vogais longas, e em escrever Jnana em vez de Dhyana.

2. Enganos evidentes ou erros de impressão foram corrigidos, e aqui e ali acrescentadas vírgulas, mas não sem mencionar estas modificações ou adições em anotações inframarginais, entre colchetes.

3. Para facilitar as referências, os parágrafos, como os dividiu H. P. B., foram precedidos de uma numeração consecutiva.

4. Foi adicionado um índice de palavras e ideias.

5. Ao pé das páginas, entre colchetes, foram inseridas algumas curtas anotações. As anotações mais extensas são aqui dadas por conveniência.

10. Anotações

I. Bodhidharma

Bodhidharma no vs. 102, nota, é um personagem histórico, que se não deve confundir com Bodhidharma, a religião-Sabedoria da nota seguinte. No Budismo chinês é o primeiro incluído como o 28º Patriarca desde Shákyamuni, e como o primeiro Patriarca da China, fundador da escola contemplativa do Budismo, de que têm sua origem outras escolas-Zen. Nasceu no sul da Índia, como Nagárjuna, e em 526 d.C. deixou sua pátria para seguir seu trabalho missionário na China (Edkins, *Chinese Buddhism*, pp. 85-6).

Referindo-se às escolas exotérica e esotérica do Budismo, H. P. B. observa na “*Doutrina Secreta* que enquanto os budistas do Sul (Hinayana) não têm nenhuma ideia da existência de uma Doutrina Esotérica – engastada como pérola dentro do invólucro de cada religião – os chineses e os tibetanos (do Budismo do Norte, Mahâyâna) têm conservado numerosos registros do fato. E depois passa ela a fazer citações do livro de Edkins, de que Bodhidharma é considerado o Fundador da tradição esotérica na China: Julai (Tathágata) ensinou nobres verdades e as causas de todas as coisas. Tornou-se o instrutor dos homens e dos Devas. Salvou multidões, e expôs o conteúdo de mais de quinhentas obras. Daí surgiu o *Kiau-men*, ou ramo exotérico do sistema, que se acredita ser a tradição das *palavras* do Buda. Bodhidharma trouxe do céu ocidental (Shambala) ‘o selo da verdade’ (o verdadeiro selo), e abriu no Oriente a

fonte da contemplação. Apontou diretamente para a natureza e coração do Buda, extirpou o parasítico e alienígena crescimento da instrução do livro, e assim estabeleceu o *Tsung-men*, o ramo esotérico sistema, que contém a tradição do *coração* do Buda. Contudo os dois ramos, embora apresentando cada qual, necessariamente, um aspecto diferente, formam um só todo” [40].

II. Escolas Esotérica e Exotérica

Depois do quinto Patriarca na linha de Bodhidharma, ocorreu um cisma, tornando-se Shin-sieu o sexto Patriarca do Norte, e Hwai-meng (637-713 d.C.) o do sul da China. No *Weilang sutra*, ou *Sutra Básico sobre o Tesouro da Lei*, contendo uma coletânea dos sermões de Hwaineng, contrastam-se os ensinamentos dos dois Patriarcas nos seguintes versos:

Shin-Sieu

Nosso corpo se assemelha à árvore-Bodhi,
Enquanto nossa mente se assemelha a um
brilhante
espelho em sua moldura,
Cuidadosamente os esfregamos e limpamos
a toda a hora,
Para que o pó não lhes caia.

Hwai-Neng

Não existe uma árvore-Bodhi,
Não existe um espelho em sua moldura.
Se intrinsecamente tudo é vácuo (shúnya),
Como lhes pode cair pó? [41]

A observação de H. P. B. na nota ao vs. 115, de que Shin-sieu “ensinou a doutrina *esotérica* de Bodhidharma”, mostra alguma confusão entre as escolas do Norte e do Sul. A implicação parece ser a de que Hwai-Neng pertence à escola *exotérica*. O verdadeiro estado de coisas é de fato o outro, em que Shin-Sieu representa a corrente intelectual comum, que se atém à diferença entre espelho e objeto, ao passo que o místico Hwai-Neng, como um verdadeiro seguidor da Mádhyamika de Nagárjuna, funde ambas no todo-vácuo (*sarva-shúnya*).

III. Pratyeka Budha e Bodhisattva

Para o teosofista atual compreender *A Voz do Silêncio* corretamente, é necessário, enquanto estuda o livro, eliminar de sua mente os significados especiais que têm adquirido alguns termos budistas na posterior literatura teosófica. Os dois termos especiais desta espécie são *Pratyeka Buddha* e *Bodhisattva*. Para o teosofista, o Pratyeka Buddha está colocado no mesmo nível evolutivo de Buda. O budista jamais pensaria assim; para ele, o Senhor é o *Samyak Sambuddha*, o Buda Perfeito, e no Mahâyâna é mesmo o Buda Universal, visto que o *Pratyeka Buddha* é apenas um Buda isolado, solitário, pessoal, o oposto de um Princípio Impessoal, Universal. É até possível interpretar-se o nome como o “Adversário do Único Buda” [42]. O Antibuda tal qual o Anticristo no Cristianismo. E não é mesmo muito improvável que no Budismo o Pratyeka Budha seja até,

decididamente, um Buda Menor ou Imperfeito, nunca igual ao Senhor *Samiak Sambuddha*.

É devido à alteração do significado que o termo recebeu entre os teosofistas que surgiram objeções contra a primeira sentença do vs. 191, e que essa sentença e a nota acompanhante foram eliminadas das edições subsequentes da *Voz do Silêncio*. As razões desse procedimento foram formuladas por Annie Besant numa nota inframarginal à *Doutrina Secreta* (V, 399): “O Pratyeka Buddha permanece no mesmo nível do Buda, mas Seu trabalho pelo mundo *nada tem a ver com o ensino a este*; o Seu cargo sempre esteve envolto em mistério. O absurdo conceito de que Ele, em altura tão super-humana de poder, sabedoria e amor, seja um egoísta, encontra-se nos livros exotéricos, embora seja difícil de se atinar como pôde surgir tal conceito. H. P. B. me incumbiu de corrigir o equívoco, que ela, num momento de descuido, havia copiado em algum lugar”. A última palavra se refere à *Voz do Silêncio* e ao *Glossário Teosófico*, bem como a outros escritos de H. P. B., em que se tem feito menção do Pratyeka Buddha.

Não resta dúvida que a concepção teosófica não passa de um legítimo e natural desenvolvimento do termo budista, pois a ideia radical da concepção do Pratyeka Buddha como sendo um Buda que não se acha na linha ou Raio da Instrução, mas do Governo, está contida na concepção original budista. Kern, por exemplo, diz: “Dogmaticamente, o Pratyeka Buddha é um ser que atingiu, como um Buddha, por seus poderes próprios, o conhecimento necessário do Nirvana, mas *não o prega*” [43]. E Rhys Davids dá

uma razão para este silêncio, quando define os *Pacceka Buddhas*, ou “Buddhas Pessoais”, como aqueles “que têm suficiente sabedoria e santidade, não apenas para tornar-se *Arhants* e atingir o Nirvana, mas também para atingir o Budado, e todavia *são incapazes de explicar a verdade a outros*” [44]. Portanto, não é por motivos egoístas, ou porque não tenham no coração o sofrimento da humanidade, que eles se absterem de ensinar o Caminho a outros, mas, sim, por uma espécie de inabilidade ou incompatibilidade de vocação. Não é sua linha, ou caminho, ou temperamento, pois pertencem mais a outro Raio, o Primeiro ou Governante, do que ao Segundo Raio, o da Instrução. Essa é a razão por que eles não assumem esse departamento especial de trabalho a que pertence tudo aquilo que classificamos sob o título de instrução, ensino, educação, civilização, cultura. O trabalho especial do *Pratyeka Buddha* se emparelha com as linhas do rei, governante, comandante, legislador.

Não obstante, todo o Budismo do Mahâyâna está impregnado deste contraste entre o *Pratyeka Buddha* como o Buda “egoísta”, ou em busca de felicidade própria, e o Buda “altruísta”, ou em busca de felicidade para outros. A simples rasura da sentença e nota contestadas não faria nenhuma diferença no poema, já que toda a *Voz do Silêncio* está saturada do contraste. Em todo ele notamos isso (veja-se, por ex., vs. 143, no qual de novo brota a “felicidade egoísta”), e nisso se baseia totalmente o Segundo Fragmento com seus Dois Caminhos, como detalhadamente se mostra na Nota 27. Temos, portanto, de aceitar a ideia como

um fato concreto, se desejamos entender e realizar o “Coração Secreto” da *Voz do Silêncio* e do Budismo do Mahâyâna em geral.

Outro termo que necessita cautela é o do *Bodhisattva*. Com referência a isto também é melhor deixar de lado certas pré-concepções teosóficas. Na concepção budista comum, *Bodhisattva* não é apenas um indivíduo, um alto oficial da Hierarquia, mas é um estágio ou estado que pode ser galgado por todo indivíduo que se qualifique para tal. Está também em agudo contraste com o de *Pratyeka Buddha*. Pois o *Bodhisattva* é também, até o momento, “menos que um Buda perfeito na hierarquia” (vs. 306, N. 42), mas, ao contrário do *Pratyeka Buddha*, ele se recusou a aceitar a “felicidade imediata” do Nirvana como seu prêmio, e definitivamente escolheu o Caminho do Samiak Sambuddha, do Buda da Compaixão, o caminho da “Felicidade adiada” (306, N. 43).

IV. Naljor

Esta palavra ocorre, sob a forma de Narjol, em cinco lugares na *Voz do Silêncio*, bem como no *Glossário Teosófico* e na *Doutrina Secreta* (V, 498), embora pareça não haver dúvida de que o correto seja Naljor. Sob esta grafia se encontra na *Doutrina Secreta* (V. 402, 412), nas combinações *Naljor-chod-pa* (no *Glossário* está de novo mal grafado como *Narjolchopda*) e *jor-ngonsum*. Nos livros de Madame Alexandra David-Neel, *Minha Viagem a Lhasa* (1927, p. XVIII, ver também p. 21), lemos: “A palavra pronunciada *naljor* é escrita *rnal byor*”;

e em *Iniciações e Iniciados no Tibete* (1931, p. 15): “*Naljorpa* (feminino: *naljorna*) significa, literalmente, ‘Aquele que está de posse da perfeita serenidade’.” O Dr. Evans-Wentz em sua obra *Yoga Tibetana e Doutrinas Secretas* (1935, p. 120) escreve: “Deve-se notar que a palavra *naldjor* (*rnal-byor*), o equivalente tibetano da palavra sânscrita *yoga*, ao contrário da palavra *yoga*, não significa ‘união’, mas ‘completa tranquilidade mental’, e portanto, ‘maestria na contemplação’.”

À vista destas autoridades, estamos seguros em manter a correção da soletração feita por Annie Besant. *Naljor* é, pois, o equivalente da palavra sânscrita *yoga*, e *Naljor-pa*, de *yogue*, mas na *Voz do Silêncio* se usa *Naljor* apenas para o último. *Naljor-chod-pa* é o equivalente do *Yogachárya*, o seguidor da escola filosófica de Aryasanga.

V. Álaya

Uma das concepções mais fundamentais no Budismo do Mahâyâna é Álaya. Este termo específico ocorre pelo menos nove vezes na *Voz do Silêncio*, e é amiúde traduzido de diferentes maneiras: Grande Alma (107), Alma Mestra, Alma Universal (221), Pensamento-Alma da Natureza (249). Literalmente traduzido, Álaya significa paiol, receptáculo, morada (Himâlaya = morada de neve). Estreitamente afim com esse termo, talvez mesmo derivado dele, é a ideia teosófica da alma-grupo ou “coletiva” nos reinos subhumanos, isto é, o viveiro, receptáculo ou morada das almas dos seres individuais. Álaya é esta ideia sublimada num conceito universal, abrangendo cada forma

de existência em todo o cosmos, subhumana, humana e super-humana, ainda os não existentes. Sua “posse” ou realização dá, portanto, “a reta percepção das coisas existentes, (bem como) o Conhecimento do não existente (108). Do Álaya deriva o homem a sua Alma ou Eu individual. “O homem é seu raio cristalino”. “Esse feixe de luz é o teu verdadeiro Eu” (250), o “guia vital” e o “Guru”. Em Álaya não há certamente nem Alma nem Eu. Está além do Eu e do Não-Eu. Estes pertencem ao mundo de Mâyâ. Por isso se diz: “Não busques teu Guru nessas regiões mayávicás” (vs. 29).

Uma aplicação desta ideia de uma “alma ou mente coletiva” também se encontra no vs. 226, onde se diz que “as mentes coletivas das mentes dos Lanoo-Shrávakas”, isto é, dos “Grupos” de discípulos do Guru Único, devem afinar-se com a mente do Preceptor, com a ulterior sugestão de que também todas as almas no universo devem afinar-se para se tornarem “unas com a Super-Alma”. O Álaya é, pois, esta Super-Alma.

Nas *Cartas do Mahatma* o termo ocorre duas vezes na combinação Álaya Vijnâna [45]. Uma vez, é traduzido pelo Mestre como “Eu Espiritual, o que concorda com o acima, e outra vez é traduzido por “conhecimento oculto”, o que é uma curiosa interpretação. Vijnâna pode significar conhecimento, porém geralmente é mais traduzido por consciência. A qualidade de esconder, de segredo, do oculto e encoberto, está sem dúvida diretamente relacionada com o seu aspecto transcendente daquilo que está além da manifestação, o Absoluto. Mas Álaya é o Absoluto,

Brahman, não apenas em seu aspecto do transcendente, mas também do imanente.

VI. A Estrutura do Poema

Dos Três Fragmentos, cada um consistindo de cerca de cem parágrafos ou versículos, os dois primeiros são de natureza preparatória, conducente ao terceiro. O Fragmento inicial começa com os primeiros sussurros da *Voz do Silêncio* acerca do “Vale da Felicidade” na “outra margem” da “Corrente de Vida”, ao lado da qual esta o “Vale de Lágrimas”. Todavia não indica a Senda em si, que conduz à cobiçada meta, detendo-se porém apenas na “estrada para a Senda” (69), que é a via probacionária que tem de preparar o candidato para a disciplina mais severa da Senda propriamente dita. Mostra-nos essa Senda de Prova como consistindo de três vestibulos, de sete etapas com os seus correspondentes sete sons místicos, e de quatro estados com suas respectivas verdades, até que, no final, os sete sons se fundem em um, a Voz do Silêncio, que dá o seu título a este Fragmento.

Mesmo o Fragmento intermediário não nos conduz à Senda real. Seu objetivo é também o de introdução e admoestação. Projeta uma intensa luz sobre os motivos diametralmente opostos que podem induzir os candidatos a trilhar a Senda. De fato o contraste, dando às disciplinas qualidades diferentes, divide praticamente a Senda única em duas Sendas separadas, com muito pouco em comum, tanto nos objetivos quanto nos meios. A distinção está profundamente radicada, não

apenas na *Voz do Silêncio*, não apenas no Budismo, como entre Hinayâna e Mahâyâna, mas na vida em geral, onde ela se expressa numa infinita variedade de maneiras. No quadro adiante coligi bom número dessas várias maneiras, apenas da *Voz do Silêncio*. Pode dar uma ideia da profunda e compenetrada preocupação da *Voz do Silêncio* com esta diferença em motivos ulteriores. Torna o segundo Fragmento o mais excitante dos três. Em todo ele soam os gritos de piedade, cintilam as lágrimas de compaixão pelos sofrimentos da humanidade. Lenta e gradativamente aumenta a profundidade do sentimento até que em inconsciente beleza o Fragmento termina num perfeito clímax, a antítese entre o “Pratyeka Buddha”, o Buda Pessoal, Solitário ou buscando a Felicidade para Si próprio (191), e o Samyak Sambuddha, o “Salvador do Mundo” (191), aquele que “renuncia o seu Eu para a Salvação do Mundo” (188).

Expresso de outra maneira, o contraste entre as duas sendas é que entre o Yogue (298) que pela Senda do quádruplo Dhyâna busca a libertação e escapa dos sofrimentos deste mundo, e o Arhat-Bodhisattva-Buddha que desdenha tal libertação solitária e mais corteja o sofrimento do que procura escapar dele, e assim ajudar seu próximo a entrar com ele no “Vale da Felicidade”.

O terceiro Fragmento conduz-nos à Senda propriamente dita, isto é, à segunda das duas Sendas. Da primeira nada mais ouvimos falar, salvo quando empregada como um fundo para fazer ressaltar as cores da outra. Em nenhuma parte da *Voz do Silêncio* há qualquer tentativa para

descrever a primeira Senda com os mesmos detalhes com que foi feito para a segunda. Isto pode em parte ser atribuído à consideração de que o assunto havia sido suficientemente tratado nos livros populares sobre Yoga. Todavia, isso é principalmente efeito inconsciente da integral simpatia e interesse da autora apenas pela segunda Senda, não deixando nenhum segundo pensamento para a outra. O que não significa, por certo, que se condene Dhyâna em si, pois é bem aceita também como uma disciplina do Budismo. Significa simplesmente que é rejeitada como um fim em si para atingir a sua própria libertação, e aceita apenas como um meio para adquirir visão interior e poder para ajudar os demais.

Os quadros seguintes esclarecerão num relance a estrutura do Poema e do Caminho.

À SENDA PROBACIONÁRIA (69)

Os Três Vestíbulos (22-23)

1. Tristeza
2. Instrução
3. Sabedoria

Os Sete Estágios e Sons Místicos (41-49; 81-89)

1. Rouxinol
2. Címbalo
3. Concha
4. Viná
5. Flauta
6. Trombeta
7. Trovão

Os Quatro Modos da Verdade (93-97)

1. Miséria
2. Domínio da Tentação

3. Destruição do Pecado

4. Entrada na Senda [\[46\]](#)

II. AS DUAS SENDAS

I

A Primeira Senda, 182

A Escarpada Senda da Quádrupla Dhyâna, 198, 199

A Senda da Dhyâna, 298

A Senda do Yogue, 298

A Senda da Felicidade, 143, 194

Felicidade Egoísta, 143, 191

Felicidade Imediata, 179

A Senda Aberta, 139, 180, 181, 186

(Olhos Abertos)

Doutrina dos Olhos ou Dharma, 111, 119, 127, 147

Instrução da Mente ou Cérebro, 106, 111, 113, 115

Falsa instrução, 119, 122

Destruição, 142

Pratyeka Buddha, 191

(Buda Solitário)

(Buda Pessoal)

O Manto do Shanga ou Dharmakaya, 142, 186, 306

Sropâti (ou Shrâvaka), 296-298, 306

Nirvana-Dharma, 305

Libertação, 182, 190

Eus sacrificados ao Eu, 142

Sacrifica a humanidade ao eu, 142

(Foge do Mundo)

Esquecimento do mundo dos homens, 186

Doce Repouso, 190

Orgulho, 119

Olha, eu sei, 119

A Multidão, 119

Externo, não existente (fugidio), 128
Pessoal, 222

II

A Segunda Senda, 183
A Íngreme Senda das Alturas Pâramitâ, 198, 200
A Senda Arahatta, 299
A Senda Árya, 302, 306
A Senda das Aflições, 183, 184, 194
Autoimolação, 180
Felicidade adiada, 179
A Senda Secreta, 143, 146, 147, 180, 184, 187
Coração Secreto, 143
Doutrina do Coração ou Dharma, 111, 119, 120, 128, 147
Sabedoria da Alma, 106, 111, 113, 115
Verdadeiro conhecimento, 122
Compaixão, 142, 191, 301
Samyak Sambuddha, 188
Buda da Compaixão, 143, 306
Buda da Perfeição, 146, 302
O Manto do Nirmânakâya, 145, 306
Bodhisattva, 306, 307
Arhan (ou Buda) Dharma, 314, 315
Renúncia, 145, 183, 190, 192
Eu Sacrificado aos Eus, 146
Vive para beneficiar a humanidade, 144
Salva o mundo, 193
Ilimitada piedade pelo mundo dos mortais, 187
Amargo Dever, 190
Humildade, 119
Assim ouvi, 119
Os Eleitos, 119
Permanente, duradouro, 128

SEGUNDA SENDA, OU A ÁRYA (302)

As Sete Perfeições (206-214)

- 1. *Dâna*, Caridade**
- 2. *Shîla*, Harmonia**
- 3. *Kshânti*, Paciência**
- 4. *Virâga*, Indiferença**
- 5. *Vírya*, Energia**
- 6. *Dhyâna*, Contemplação**
- 7. *Prajnâ*, Sabedoria**

**Arya Asanga
(A. J. Hamerster)**

***Adyar, Madras, Índia,*
27 de dezembro de 1939**



Prefácio

As páginas seguintes procedem do *Livro dos Preceitos de Ouro*, uma das obras que no Oriente se põem nas mãos dos estudantes místicos. O conhecimento desses Preceitos é obrigatório naquela escola[47], cujos ensinamentos são aceitos por muitos teosofistas. Assim, como sei de cor muitos deles, sua tradução me foi uma tarefa relativamente fácil.

É bem sabido que, na Índia, os métodos de desenvolvimento psíquico diferem segundo os Gurus (instrutores ou mestres), não só porque pertencem a diferentes escolas de filosofia, de que existem seis[48], senão porque cada Guru tem o seu próprio sistema, que geralmente ele mantém muito secreto. Mas além dos Himalaias o método não difere nas Escolas Esotéricas, a não ser que o Guru seja um simples Lama, apenas um pouco mais instruído do que aquele que ele ensina.

A obra da qual traduzo isto faz parte da mesma série de que se extraíram as “Estâncias” do *Livro de Dzyan*, em que se baseia a *Doutrina Secreta*. Ao *Livro dos Preceitos de Ouro* se arroga a mesma origem da obra mística chamada *Paramartha*, que, segundo nos diz a lenda de *Nagárjuna*, foi transmitida ao grande Arhat pelos Nâgas ou “Serpentes” (na verdade um dos nomes dados aos

antigos Iniciados). Todavia, suas máximas e ideias, conquanto nobres e originais, são amiúde encontradas sob diferentes formas em obras sânscritas, tais como o *Jñaneshvarí*, esse magnífico tratado místico em que Krishna descreve a Arjuna em cintilantes cores a condição de um Yogue plenamente iluminado, e ainda em certos *Upanishads*. Isto é muito natural, desde que a maioria dos maiores Arhats, senão todos os primeiros seguidores de Gautama Buda, eram hindus e arianos, e não mongólicos, especialmente os que emigraram para o Tibete. São muito numerosas as obras deixadas só por Âryâsanga.

Os *Preceitos* originais estão gravados em lâminas finas e oblongas; as cópias estão muito frequentemente em discos. Estes discos, ou lâminas, são geralmente preservados nos altares dos templos anexos aos centros onde se acham estabelecidas as escolas chamadas “contemplativas”, ou Mahâyâna (Yogachârya). Estão escritos de várias maneiras, às vezes em tibetano, mas a maioria em ideografias. A língua sacerdotal (senzar), além de ter alfabeto próprio, pode ser traduzida em criptogramas, que têm mais de ideografias do que de sílabas.

Outro método (*lug*, em tibetano) é o emprego de números e cores, cada qual correspondendo a uma letra do alfabeto tibetano (trinta letras simples e setenta e quatro compostas), formando assim um alfabeto criptográfico completo.

Quando se usam ideografias, há um método definido de ler o texto, pois em tal caso os símbolos e sinais usados na astrologia, isto é, os doze animais do Zodíaco e as sete cores primárias,

cada qual um trio de matizes, isto é, o claro, o primário e o escuro – correspondem às trinta e três letras do alfabeto simples, para formar palavras e sentenças. Porque, neste método, os doze “animais” repetidos cinco vezes e conjugados com os cinco elementos e as sete cores, propiciam um alfabeto inteiro, composto de sessenta letras sagradas e doze sinais. Um sinal colocado no princípio do texto determina se o leitor deverá soletrá-lo à maneira hindu, em que cada palavra é simplesmente uma adaptação sânscrita, ou à maneira chinesa de ler os ideógrafos. Todavia, a maneira mais fácil é a que permite ao leitor não empregar nenhuma língua especial, ou empregar *qualquer* língua que lhe agrade, pois os sinais e símbolos eram, como o são os números ou algarismos árabes, propriedade comum e internacional entre os místicos iniciados e seus adeptos. A mesma peculiaridade é característica de uma das formas da escrita chinesa, a qual pode ser lida com igual facilidade por qualquer um que conheça os caracteres. Por exemplo, um japonês pode lê-la tão prontamente em sua própria língua como um chinês na sua.

O Livro dos Preceitos de Ouro – dos quais alguns são pré-budistas enquanto outros pertencem a uma data posterior – contém cerca de noventa pequenos tratados diferentes. Destes, aprendi de cor trinta e nove, há anos. Para traduzir o resto eu teria de recorrer a notas disseminadas por entre um número demasiado grande de papéis e apontamentos, colecionados durante os últimos vinte anos e nunca postos em ordem, para de algum modo facilitar a tarefa. E por outro lado,

tampouco se poderia traduzir tudo isso, para dá-lo a um mundo demasiado egoísta e apegado aos objetos sensórios para estar de alguma maneira preparado para receber devidamente uma ética tão exaltada. Pois, a não ser que um homem persevere seriamente no empenho de conhecer-se a si mesmo, jamais prestará prazerosamente ouvidos a conselhos de tal natureza.

E contudo, essa ética enche volumes e mais volumes na literatura oriental, sobretudo nos *Upanishads*. “Mata todo desejo de vida”, diz Krishna a Arjuna. Esse desejo se cinge ao corpo, o veículo do Eu, não ao EU, que é “eterno, indestrutível, que não mata nem é morto” (*Katha Upanishad*). “Mata a sensação”, ensina *Sutta Nipata*; “olha por igual o prazer e a dor, o ganho e a perda, a vitória e a derrota”. Ainda, “Busca refúgio só no eterno” (*ibid.*). Destroi o sentimento de separatividade”, repete Krishna por todas as formas. “A mente (*Manas*) que segue os errantes sentidos torna a Alma (*Buddhi*) tão desvalida quanto o barco que o vento desnorteia sobre as águas.” (Bhagavad-Gitâ, II, 67).

Portanto, julgou-se preferível fazer uma seleção judiciosa apenas dos tratados que mais conviessem aos poucos e verdadeiros místicos na Sociedade Teosófica, e que seguramente correspondessem às suas necessidades. Somente esses poucos apreciarão as palavras de Krishna-Cristos, o “Eu Superior”:

“Os sábios não se afligem nem pelos vivos nem pelos mortos. Jamais deixei de existir, nem tu, nem estes condutores de homens; nenhum de

**nós deixará jamais de existir no futuro”
(*Bhagavad-Gitâ* II, 11 e 12).**

Nesta tradução fiz o máximo para conservar a poética beleza da língua e imaginação que caracterizam o original. Até que ponto este esforço foi bem sucedido caberá ao leitor julgar.

“H. P. B.”

Dedicado aos Eleitos



Fragmento I

A Voz do Silêncio

1. Estas instruções são para os que ignoram os perigos dos *Iddhis* inferiores [49].
2. Quem quiser ouvir a voz de *Nâda* [50], o Som Insonoro, e compreendê-la, tem de aprender a natureza de *Dhâranâ* [51].
3. Tendo se tornado indiferente aos objetos de percepção, o discípulo deve buscar o *rajah* dos sentidos, o produtor de pensamentos, aquele que desperta a ilusão.
4. A mente é o grande Assassino do Real.
5. Que o Discípulo mate o Assassino. Porque:
6. Quando para si mesma sua própria forma lhe parecer irreal, tal qual o são, ao despertar, todas as formas vistas em sonhos;
7. Quando houver cessado de ouvir os muitos, poderá discernir o UM – o som interno que mata o externo.
8. Só então, e não antes, abandonará ele a região de *Asat*, o falso, para entrar no reino de *Sat*, o verdadeiro.
9. Antes que a Alma possa ver, deve ser conseguida a harmonia interior, e os olhos carnaís tornados cegos a toda ilusão.
10. Antes que a Alma possa ouvir, a imagem (o homem) tem de se tornar tão surda aos rugidos como aos murmúrios, aos bramidos dos elefantes uivantes como ao argênteo zumbir do pirilampo de ouro.
11. Antes que a Alma possa compreender e recordar-se, deve estar unida ao Falante silencioso, como a forma a ser tomada pela argila e primeiro unida à mente do ceramista.

12. Porque então a Alma ouvirá e se recordará.
13. E ao ouvido interno falará

A Voz do Silêncio

Que dirá:

14. Se tua Alma sorri ao banhar-se na luz solar de tua Vida; se tua Alma canta dentro de sua crisálida de carne; se tua Alma chora em seu castelo de ilusões; se tua Alma luta para romper o fio de prata que a liga ao Mestre [52] – sabe, ó discípulo, que tua Alma é da terra.
15. Quando ao tumulto do Mundo tua alma desabrochando [53] dá ouvidos; quando à rugente voz da grande ilusão tua Alma [54] responde; quando, medrosa ante a visão das cálidas lágrimas da dor e aturdida pelos gritos do desespero, tua Alma se recolhe como tímida tartaruga na carapaça do egocentrismo –, sabe, ó Discípulo, que do seu “Deus” Silencioso tua Alma é um sacrário indigno.
16. Quando, mais forte já, tua Alma se desliza fora de seu seguro retiro, e, desprendendo-se, estende seu fio de prata e projeta-se adiante; quando contempla a sua imagem nas ondas do espaço e murmura: “Isto sou eu” –, declara, ó Discípulo, que tua Alma está presa nas teias da ilusão [55].
17. Esta Terra, Ó Discípulo, é a Sala das Tristezas, na qual, ao longo da Senda de terríveis provações, estão colocadas armadilhas para apanhar teu Ego pela ilusão chamada “Grande Heresia” [56].
18. Esta Terra, ó ignorante Discípulo, nada mais é que a lúgubre entrada ao crepúsculo que precede o vale da verdadeira luz – aquela luz que nenhum vento pode extinguir, aquela luz que arde sem pavio nem combustível.
19. Diz a Grande Lei: “Para te tornardes o *Conhecedor do Eu Total* [57], deves primeiro ser o conhecedor do *Eu*”. Para alcançar o conhecimento desse *Eu*, tens de renunciar o *Eu* ao *Não Eu*,

o Ser ao Não Ser, e então poderás repousar entre as asas da *Grande Ave*. Sim, doce é o repouso entre as asas do que não nasce nem morre, mas é o AUM [58] através de idades eternas [59].

20.

Cavalga a Ave da Vida se queres saber [60].

21.

Renuncia tua vida se queres viver [61].

22.

Três Salas, ó cansado peregrino, conduzem ao fim das labutas. Três Salas, ó vencedor de Mâra, te levarão através de três estados [62] ao quarto [63] e daí aos sete mundos [64], os mundos do Eterno Repouso”.

23.

Se queres aprender seus nomes, então escuta e recorda-te.

24.

O nome da primeira Sala é IGNORÂNCIA: *Avidya*.

25.

É a Sala em que viste a luz, em que vives e morrerás [65].

26.

O nome da segunda Sala é a Sala da Instrução [66]. Nela tua Alma achará as flores da vida, mas debaixo de cada flor está uma serpente enrolada [67].

27.

O nome da terceira é a Sala da Sabedoria, além da qual se estendem as águas sem praias de AKSHARA, a Fonte indestrutível da Onisciência [68].

28.

Se queres atravessar seguro a primeira Sala, não tomes os fogos da luxúria que ali ardem pela luz do Sol da vida.

29.

Se queres atravessar seguro a segunda Sala, não te detenhas a aspirar o aroma de suas narcóticas flores. Se queres livrar-te das cadeias kármicas, não procures o teu Guru nessas regiões mâyâvicas.

30.

Os SÁBIOS não se detêm nas regiões deleitosas dos sentidos.

31.

Os SÁBIOS não dão ouvidos às melífluas vozes da ilusão.

32.

Procura na Sala da Sabedoria aquele que te dará o nascimento [69], na Sala que está mais além, onde se desconhecem todas as sombras, e onde a luz da verdade brilha com inalterável glória.

33.

O que é incriado em ti como reside nessa Sala. Se queres alcançá-lo e combinar os dois [70], deverás despir-te de tuas escuras roupagens de ilusão. Sufoca a voz da carne, não permitas que nenhuma imagem dos sentidos se interponha entre a luz do incriado e a tua, e assim as duas poderão fundir-se numa. E tendo aprendido tua própria *Ajnâna* [71], fuge da Sala da Instrução. Esta Sala é perigosa em sua pérfida beleza; é necessária só para tua provação. Cautela, Lanoo, não vá a tua Alma, deslumbrada pelo falaz esplendor, demorar-se e ficar presa à sua luz enganadora.

34.

Esta luz brilha da joia do Grande Sedutor (Mâra) [72]. Ela enfeitiça os sentidos, cega a mente e deixa o incauto qual a um abandonado náufrago.

35.

A mariposa, atraída pela luz deslumbradora de tua lâmpada noturna, está condenada a perecer no azeite viscoso. A alma incauta, que fracassa em lutar contra o zombeteiro demônio da ilusão, retorna à Terra escrava de Mâra.

36.

Contempla as Hostes de Almas. Observa como elas flutuam sobre o tormentoso mar da vida humana, e como, exaustas, sangrando, rotas as asas, vão caindo nas infladas ondas. Sacudidas por feros vendavais, acossadas pelo furacão, derivam para os remoinhos e desaparecem no primeiro grande vórtice.

37.

Se através da Sala da Sabedoria queres alcançar o Vale da Bem-aventurança, Discípulo, fecha teus sentidos à tremenda e grande heresia da separatividade que te aparta dos demais.

38.

Não deixes que teu “nascido no Céu”, submerso no mar de *Mâya*, se desprenda do Pai Universal (ALMA), porém que o ígneo poder se retire para a câmara mais íntima, a câmara do Coração [73] e a morada da Mãe do Mundo [74];

39.

Então, do coração esse Poder ascenderá à sexta região, à mediana, o lugar entre os teus olhos, quando ele se torna o hálito da ALMA-ÚNICA, a voz que enche tudo, a voz de teu Mestre.

40.

Só então podem tornar-te um “Caminhante do Céu” [75], que pisa os ventos rente às ondas, sem que seu passo toque as

águas.

41.

Antes de pousares teu pé no último degrau da escada, na escala dos sons místicos, de sete maneiras diferentes tens de ouvir a voz de teu DEUS *interno* [76].

42.

O primeiro som é como o da doce voz do rouxinol, cantando uma canção de despedida à sua companheira.

43.

O segundo vem como o som de um argênteo címbalo dos Dhyânis, despertando as estrelas lucilantes.

44.

O seguinte é como o lamento melodioso do duende oceânico, preso à sua concha.

45.

A este se segue o canto de Vinâ [77].

46/7.

O quinto chia em teus ouvidos qual o som de uma flauta, e em seguida se transforma num toque de corneta.

48.

O último soa como o surdo ribombo do trovão.

49.

O sétimo som absorve todos os outros, que morrem para não mais se ouvirem.

50.

Quando os seis [78] estão mortos e postos aos pés do Mestre, então o discípulo imerge no UM [79], torna-se esse UM e n'ELE vive.

51.

Antes de penetrar na Senda, tens de destruir o teu corpo lunar [80], purificar o teu corpo mental [81] e limpar o teu coração.

52.

As águas puras da vida eterna, límpidas e cristalinas, não podem misturar-se com as torrentes lamacentas da tempestade da monção.

53.

A gota de orvalho do céu, brilhante no coração do lótus ao primeiro raio matutino, ao cair na terra converte-se num pingo de lama; eis que a pérola é agora uma partícula de lodo.

54.

Luta com os teus pensamentos impuros antes que te dominem. Trata-os como eles querem tratar-te, porque, se os

poupas, criarão raízes e crescerão e – repara bem – esses pensamentos te dominarão e matarão. Acautela-te, discípulo, não deixes aproximar nem mesmo a sua sombra; porque esta crescerá, aumentará em tamanho e poder, e então essa coisa escura absorverá o teu ser antes que tenhas te apercebido bem da presença do monstro hediondo e negro.

55.

Antes que o Poder místico[82] possa fazer de ti um deus, ó Lanu, deves ter adquirido a faculdade de matar à vontade a tua forma lunar.

56.

O eu de matéria e o EU de Espírito jamais podem reunir-se. Um deles tem de desaparecer: não há lugar para os dois.

57.

Antes que a mente de tua Alma possa compreender, o casulo da personalidade deve ser esmagado e extirpado e o verme dos sentidos destruído sem qualquer possibilidade de ressurreição.

58.

Não podes percorrer a Senda enquanto não te tornares a própria Senda [83].

59.

Que tua Alma dê ouvidos a todo grito de dor, tal com o lótus abre o seu coração para sorver o sol matutino.

60.

Não deixes o fero sol secar uma única lágrima de dor, antes de a haveres tu mesmo enxugado no alho de quem sofre.

61.

Porém que cada ardente lágrima humana goteje em teu coração e ali permaneça; nem tampouco a enxugues enquanto não for retirada a dor que a causou.

62.

Estas lágrimas, ó tu de coração tão compassivo, são as correntes que regam os campos da caridade imortal. É neste solo que cresce a flor da meia-noite do Buda [84], mais difícil de se achar, mais rara de se ver que a flor da árvore Vogay. É a semente que livra do renascer. Isola o Arhat tanto dos conflitos como da concupiscência, guia-o pelos campos do ser para a paz e a beatitude conhecidas só no país do Silêncio e do Não Ser.

63.

Mata o desejo; mas se o matares, acautela-te bem, para que não ressuscite depois de morto.

64.

Mata o amor à vida, mas se matas *tanhâ* [85], que não o seja pela vida eterna, e sim para substituir o fugaz pelo duradouro.

65.

Não desejes nada. Não te amofines contra o Karma, nem contra as imutáveis leis da Natureza. Mas luta só contra o pessoal, o efêmero e o perecível.

66.

Ajuda a Natureza e coopera com ela; e a Natureza ter-te-á por um de seus criadores e se te tornará obediente.

67.

E ante ti ela abrirá de par em par os portais de suas câmaras secretas, e desvendará ante tua vista os tesouros escondidos no mais profundo de seu seio puro e virgem. Não maculada pela mão da matéria, ela mostra seus tesouros tão só ao olho do Espírito – o olho que nunca se fecha, o olho para o qual não há véu algum em todos os seus reinos.

68.

Então ela te mostrará os meios e o caminho, o primeiro portal e o segundo, e o terceiro, e mesmo até o sétimo. E depois, a meta – além da qual, banhadas na luz solar do Espírito, há glórias inauditas, só visíveis ao olho da Alma.

69.

Há apenas um caminho para a Senda, e só bem no seu final se pode ouvir a “Voz do Silêncio”. A escada pela qual ascende o candidato é formada de degraus de sofrimento e dor, que só podem ser aplacados pela voz da virtude. Ai de ti, discípulo, se restar um só vício que não tenhas deixado atrás. Pois então a escada cederá e te deitará abaixo; seu pé está apoiado no profundo lodo de teus pecados e falhas, e antes que possas tentar atravessar este largo abismo de matéria, tens de lavar teus pés nas Águas da Renúncia. Cuida que não ponhas um pé ainda sujo no primeiro degrau da escada. Ai daquele que ouse macular um só degrau com pés lamacentos. A lama vil e viscosa secará, tornar-se-á pegajosa, e acabará por colar-lhe o pé ao degrau, e como uma ave presa no visco do caçador astuto, ele será afastado de todo progresso ulterior. Seus vícios tomarão forma e o arrastarão à queda. Seus pecados levantarão a voz, como o riso e o soluço do chagal depois do sol posto; os seus pensamentos se tornarão um exército, e o levarão como escravo cativo.

70.

Mata os teus desejos, Lanu; torna impotentes os teus vícios, antes de dares o primeiro passo na solene viagem.

71. Estrangula os teus pecados, e emudece-os para sempre, antes de levatares o pé para subir a escada.
72. Silencia os teus pensamentos e fixa toda a tua atenção em teu Mestre, que ainda não vês mas já sentes.
73. Funde num só sentido todos os teus sentidos, se estar seguro contra o inimigo. É só por meio desse sentido, oculto na cavidade de teu cérebro, que a íngreme senda para o teu Mestre pode descortinar-se aos olhos turvos de tua Alma.
74. Longo e penoso é o caminho diante de ti, ó Discípulo! Um simples pensamento sobre o passado que deixaste atrás te arrastará para baixo, e terás que começar de novo a subida.
75. Mata em ti toda memória de experiências passadas. Não olhes para trás ou estarás perdido.
76. Não creias que a luxúria possa ser aniquilada se satisfeita ou saciada, pois isto é uma abominação inspirada por Mâra. É nutrindo o vício que ele cresce e se robustece, tal como a lagarta engorda no coração da flor.
77. A rosa deve voltar a ser o botão nascido de sua haste materna, antes que a parasita lhe tenha roído o coração e chupado a seiva vital.
78. A árvore dourada faz brotar seus botões de gema, antes que lhe desbaste o tronco.
79. O discípulo deve recobrar *o estado infantil que perdeu*, antes que o primeiro som lhe possa cair no ouvido.
80. A luz do *único* Mestre, a áurea e imarcescível luz do Espírito, lança seus fulgidos raios sobre o discípulo desde o primeiro instante. Seus raios penetram as espessas e negras nuvens da matéria.
81. Ora aqui, ora ali, estes raios a iluminam como os raios do sol iluminam a terra através da espessa folhagem da floresta. Mas, ó Discípulo, a não ser que a carne seja passiva, a cabeça calma, a Alma firme e pura como o diamante cintilante, o fulgor não chegará à *câmara* [86], sua luz solar não aquecerá

o coração, nem os sons místicos das alturas *âkâshicas* [87] alcançarão o ouvido, ainda que ávido, no estágio inicial.

82.

A menos que ouças, não poderás ver.

83.

A menos que vejas, não poderás ouvir. Ouvir e ver: eis o segundo estágio.

84.

Quando o discípulo vê e ouve, e quando cheira e gosta, estando os olhos e a boca fechados, e os ouvidos e nariz tapados; quando os quatro sentidos estão fundidos e prontos para tornar-se o quinto, o do tato interno – então ele passou para o quarto estágio.

85.

E no quinto, ó matador de teus pensamentos, todos estes têm de ser mortos de novo, sem mais possibilidade de reanimação [88].

86.

Aparta tua mente de todos os objetos externos, de todas as impressões externas. Aparta as imagens internas, para que sobre a luz de tua Alma não lancem uma sombra escura.

87.

Estás agora em Dhâranâ [89], o sexto estágio.

88.

Quando houveres ingressado no sétimo estágio, não perceberás mais os sagrados Três [90], pois terás te tornado esses três: tu próprio e a mente, como gêmeos num mesmo nível, e a estrela que fulgura no alto [91]. Os Três que moram na glória e beatitude inefáveis, perderam os seus nomes agora no mundo de Mâyâ. Tornaram-se tão só uma estrela, o fogo que arde mas não queima, aquele fogo que é o Upâdhi da Chama [92].

89.

E isto, ó Iogue triunfante, é o que os homens denominam *Dhyâna* [93], o precursor direto de *Samadhi* [94].

90.

E agora teu *eu* está perdido no EU, tu mesmo em TI MESMO, imerso naquele EU do qual primitivamente irradiaste.

91.

Onde está a tua individualidade, Lanu; onde está o próprio Lanu? És a chispa perdida no fogo, a gota dentro do oceano, o raio, sempre presente, tornado o Todo e a eterna Irradiação.

92.

E agora, Lanu, tu és o autor e o espectador, o irradiador e a irradiação, a luz no som e o som na luz.

93.

Conheces, ó bem-aventurado, os cinco impedimentos. És o seu vencedor, o senhor do sexto, o enunciador das quatro Verdades [95]. A luz que neles se projeta, irradia de ti, ó tu que eras discípulo, mas agora és Instrutor. E destas Verdades:

94.

Não conheceste todas as misérias – a verdade primeira?

95.

Não venceste o Rei dos Mâras em Tsi, o portal da conjunção – a verdade segunda? [96]

96.

Não destruístes o pecado no terceiro portal e não atingiste a terceira verdade?

97.

Não entraste em *Tau*, “a Senda” que conduz ao conhecimento – a quarta verdade? [97]

98.

E agora, descansa sob a árvore de Bodhi, que é a perfeição de todo conhecimento. Pois, sabe-o, tu és o Mestre do *Samadhi* – o estágio da visão infalível.

99.

Contempla! Tu te tornaste a Luz, tu te tornaste o Som, tu és o teu Mestre e o teu Deus. Tu próprio és o objeto de tua busca: a voz que incessantemente soa através de eternidades, isenta de mudanças, os sete sons em um só, a

VOZ DO SILÊNCIO

100.

Aum Tat Sat



Fragmento II

As Duas Sendas

101.

E agora, ó Mestre da Compaixão, ensina o caminho aos outros homens. Olha! todos aqueles que batem à porta em busca de admissão esperam na ignorância e trevas ver escancarado o portal da Doce Lei.

A voz dos Candidatos:

102.

Não quererás tu, Mestre de tua própria Misericórdia, revelar a Doutrina do Coração? [98] Recusar-te-ás guiar teus servos até a Senda da Libertação?

Diz o Mestre:

103.

As Sendas são duas([99]); as grandes Perfeições três (§); seis são as Virtudes (+) que transformam o corpo na Árvore do Conhecimento [100].

104.

Quem se aproximará delas?

105.

Quem entrará nelas primeiro?

106.

Quem ouvirá primeiro a doutrina das duas Sendas em uma, a verdade revelada sobre o Coração Secreto? [101] A Lei que, evitando a erudição, ensina a Sabedoria, revela uma história de tribulações.

107.

Ai, ai, que todos os homens possuam Âlaya, sejam unos com a grande Alma, e, possuindo-o, Âlaya lhes aproveite tão pouco!

108.

Repara como, tal qual a lua se reflete nas ondas tranquilas, Âlaya é refletido pelos pequenos e pelos grandes, espelha-se nos átomos mais tênues, e, contudo, não logra chegar ao coração de todos. Ai, que tão poucos sejam os homens que se

aproveitam do dom, da inapreciável dádiva de aprender a verdade, a exata percepção das coisas existentes, o Conhecimento do não existente!

Diz o Discípulo:

109.

O Mestre, que farei eu para alcançar a Sabedoria?

110.

Ó Sábio, que farei eu para conseguir a perfeição?

111.

Procura as Sendas. Mas, ó Lanu, sê limpo de coração antes de empreenderes a viagem. Antes de dar o primeiro passo, aprende a discernir o real do falso, o fugaz do permanente. Aprende sobretudo a separar a erudição da cabeça da sabedoria da Alma, a doutrina do “Olho” doutrina do “Coração”.

112.

Sim, a ignorância é qual redoma fechada e sem ar; e a alma, um rouxinol dentro dela. A ave canora não gorjeia nem pode mover uma pena, mas emudece e entorpece, e morre de exaustão.

113.

Mesmo a ignorância é preferível à erudição da Cabeça sem a Sabedoria da Alma para a iluminar e guiar.

114.

As sementes da Sabedoria não podem brotar nem crescer num vácuo sem ar. Para viver e colher experiências, a mente necessita de amplitude e profundidade, e pontos que a atraiam para a Alma de Diamante[102]. Não procures estes pontos no reino de Mâyâ; mas voa alto, além das ilusões, busca o eterno e imutável SAT[103], desconfiando das falsas insinuações da fantasia.

115.

Pois a mente é qual um espelho: colhe pó enquanto reflete[104]. São necessárias as suaves brisas da Sabedoria da Alma para limpar o pó de nossas ilusões. Procura, ó Principiante, fundir tua Mente e Alma.

116.

Foge da ignorância e da ilusão também. Vira o rosto às decepções do mundo; desconfia de teus sentidos; eles são falsos. Mas dentro de teu corpo – o santuário de tuas sensações – busca no Impessoal o “homem eterno”[105]; e tendo-o procurado fora, olha para dentro: tu és Buda[106].

117.

Evita os elogios, ó Devoto. Os elogios conduzem à autoilusão.

Teu corpo não é o eu; teu EU é em si sem corpo, e não o afetam elogios nem censuras.

118.

O autoconvencimento, discípulo, assemelha-se a uma elevada torre, à qual subiu um louco soberbo. Ali se senta em orgulhosa solidão e despercebido de todos, menos de si próprio.

119.

A falsa erudição é rejeitada pelos Sábios, e espalhada aos ventos pela boa Lei, cuja roda gira para todos, humildes e soberbos. A “Doutrina do Olho” [107] é para a multidão; a “Doutrina do Coração”, para os eleitos. Os primeiros repetem orgulhosos: “Vejam, eu sei”; os últimos, os que humildemente têm colhido, em voz baixa confessam: “assim ouvi” [108].

120.

“Grande Peneiradora” é o nome da “Doutrina do Coração”, ó discípulo.

121.

A roda da boa Lei gira rapidamente. Mói noite e dia. Separa do dourado grão as cascas inúteis, e da farinha o farelo. A mão do Karma guia a roda, cujas rotações marcam as palpitações do coração kármico.

122.

O verdadeiro conhecimento é a farinha, a falsa erudição é a casca. Se queres comer o pão da Sabedoria, tens de amassar a tua farinha com as águas límpidas de Amrita [109]. Mas se amassas cascas com o orvalho de Mâyâ, não poderás criar mais que alimento para as negras pombas da morte, as aves do nascimento, decadência e tristezas.

123.

Se te dizem que para te tornares Arhan tens de cessar de amar todos os seres – dize-lhes que mentem.

124.

Se te dizem que para obter a libertação tens que detestar tua mãe e desprezar teu filho; de renegar teu pai e chamá-lo “dono de casa” [110]; de renunciar a toda compaixão pelos homens e animais – dize-lhes que é falsa a sua linguagem.

125.

Assim ensinam os *Tirthikas*, os incrédulos [111].

126.

Se te ensinam que da ação nasce o pecado e da inação a bem-aventurança absoluta, dize-lhes que estão errados. Incontinuidade da ação humana, libertação da mente da

escravidão pela cessão de pecados e faltas, não são para os “Egos-Deva” [112]. Assim diz a “Doutrina do Coração”.

127.

O Dharma do “Olho” é a incorporação do externo e do não existente.

128.

O Dharma do “Coração” é a incorporação de Bodhi [113], o Permanente e o Eterno.

129.

A lâmpada brilha quando estão limpos pavier e óleo. Para limpá-los requer-se um limpador. A chama não sente o processo da limpeza. “Os ramos da árvore são sacudidos pelo vento; o tronco permanece imóvel”.

130.

Tanto a ação como a inação podem ter cabida em ti; teu corpo agitado, tua mente tranquila, tua Alma tão límpida como um lago de montanha.

131.

Queres tornar-te um Iogue do “Círculo do Tempo”? Então, ó Lanu:

132.

Não creias que, sentando-te em florestas escuras, em orgulhosa reclusão, longe dos homens; não creias que a vida alimentada de plantas e raízes, saciada a sede com a neve da Grande Cordilheira – não creias, ó Devoto, que isto te conduzirá à meta da libertação final.

133.

Não julgues que partir ossos, lacerar carne e músculos te unam ao teu “Eu silencioso” [114]. Não julgues que, vencidos os pecados de tua forma grosseira, ó Vítima de tuas Sombras [115], teu dever esteja cumprido para com a natureza e o homem.

134.

Os Benditos Seres desdenharam tal conduta. O Leão da Lei, o Senhor da Misericórdia [116], percebendo a verdadeira causa do sofrimento humano, imediatamente abandonou o doce mas egoísta descanso dos tranquilos desertos. De Âranyaka [117] Ele se tornou o Instrutor da humanidade. Depois de haver ingressado no Nirvana, Julai [118] pregou em montanhas e planícies, e proferiu discursos nas cidades, a Devas, homens e deuses [119].

135.

Semeia ações bondosas e colherás os seus frutos. A inação num ato de misericórdia se converte em ação num pecado

mortal.
Assim diz o Sábio:

136.

Quererás abster-te da ação? Não é assim que tua Alma obterá sua libertação. Para alcançar o Nirvana é mister alcançar o Autoconhecimento, e o Autoconhecimento é filho de atos amorosos.

137.

Tem paciência, Candidato, como quem não teme fracassos nem corteja êxitos. Fixa o olhar de tua Alma na estrela cujo raio és[120], a flamejante estrela que brilha dentro das obscuras profundezas do ser permanente, dos ilimitados do Ignoto.

138.

Tem perseverança como aquele que tem de persistir eternamente. Tuas sombras vivem e se desvanecem[121]; aquilo que em ti viverá para sempre, aquilo que em ti *conhece* (porque é conhecimento)[122], não é da vida fugaz: é ó Homem que foi, que é e será, para quem a hora nunca soará.

139.

Se queres colher doce paz e descanso, Discípulo, semeia com sementes do mérito os campos de futuras colheitas. Aceita as dores do nascimento.

140.

Afasta-te da luz do sol para a sombra, a fim de abrires mais espaço a outros. As lágrimas que regam o solo árido da dor e da tristeza fazem nascer as flores e os frutos da retribuição kármica. Da fornalha da vida humana e de seu fumo denso, saltam chamas aladas, chamas purificadas, que, erguendo-se alto, sob o olhar kármico, tecem por fim o tecido glorioso das três vestes da Senda[123].

141.

Tais vestes são: Nirmânakâya, Sambhogakâya e Dharmakâya, veste Sublime[124].

142.

A veste *Shangna*[125], é certo, pode comprar a luz eterna. A veste Shangna só dá o Nirvana da destruição; detém o renascimento, mas, ó Lanu, também mata a compaixão. Não mais podem os Budas perfeitos, que vestem a glória do Dharmakâya, ajudar a salvação do homem. Ai! Devem os EUS ser sacrificados ao *Eu*; a humanidade, ao bem-estar de Unidades?

143.

Sabe, ó principiante, que esta é a *Senda Aberta*, o caminho da beatitude egoísta, evitado pelos Bodhisattvas do “Coração Secreto”, os Budas de Compaixão.

144.

Viver para beneficiar a humanidade é o primeiro passo. Praticar as seis gloriosas virtudes [126] é o segundo.

145.

Adotar a humilde veste de Nirmânakâya é abrir mão da bem-aventurança eterna para o Eu, a fim de ajudar a salvação do homem. Alcançar a bem-aventurança do Nirvana, mas renunciá-la, é o passo supremo, final – o mais elevado na Senda da Renúncia.

146.

Sabe, o Discípulo, esta é a *Senda Secreta*, a escolhida pelos Budas de Perfeição, que sacrificaram o EU aos EUS mais fracos.

147.

Todavia, se a “Doutrina do Coração” paira demasiado alto para ti, se necessitas ajudar-te a ti próprio e temes oferecer ajuda aos outros, – então, ó tu de coração tímido, acautela-te em tempo: contenta-te com a Lei da “Doutrina do Olho”. Espera ainda. Pois se a “Senda Secreta” não é acessível “hoje”, estará ao teu alcance “amanhã” [127]. Aprende que nenhum esforço, por mínimo que seja – tanto na direção certa como na errada –, pode desvanecer-se no mundo das causas. Nem a fumaça desfeita fica sem traços. “Uma palavra brusca proferida em vidas passadas não se perde, mas renasce sempre” [128]. A pimenteira não produz rosas, nem a argêntea estrela do jasmim se torna espinho ou cardo.

148.

Podes criar “hoje” tuas oportunidades de “amanhã”. Na “Grande Jornada” [129], as causas semeadas cada hora produzem cada qual sua colheita de efeitos, porque uma rígida Justiça governa o Mundo. Com o potente impulso de sua ação infalível, ela traz aos mortais vidas de felicidades ou aflições, que são a progênie kármica de todos os seus anteriores pensamentos e atos.

149.

Aceita, pois, tanto quanto o mérito te haja reservado, ó tu de coração paciente. Anima-te e contenta-te com a sorte. Tal é o teu Karma, o Karma do ciclo de teus nascimentos, o destino daqueles que, em sua dor e tristeza, nascem simultaneamente contigo, regozijam-se e choram de vida em vida, encadeados a tuas ações anteriores.

150.

Age tu por eles “hoje”, e eles agirão por ti “amanhã”.

151.

É do botão da Renúncia do Eu que nasce o doce da Libertação final.

152.

Condenado a perecer é aquele que, temeroso de Mãra, se abstém de ajudar o homem, para não agir pelo eu. O peregrino que queira refrescar seus cansados membros em águas correntes, mas não se atreve a mergulhá-los de pavor à corrente, arrisca-se a sucumbir de calor. Inação baseada no medo egoísta não pode dar senão maus frutos.

153.

O devoto egoísta vive sem finalidade. Vive em vão o homem que não leve a cabo a tarefa que lhe foi assinalada na vida.

154.

Segue a roda da vida; segue a roda do dever para com a raça e a família, o amigo e o inimigo, e imuniza tua mente aos prazeres e à dor. Esgota a lei da retribuição kármica. Adquire *Siddhis* para o teu futuro nascimento.

155.

Se não podes ser o sol, sê então o humilde planeta. Sim, se estás impedido de brilhar como o Sol meridiano sobre a montanha nevada da pureza eterna, escolhe, então, ó Neófito, um curso mais humilde.

156.

Mostra o “Caminho” – embora apagadamente e perdido entre a multidão – tal qual o faz a estrela vespertina aos que seguem sua trilha no escuro.

157.

Contempla Migmar[130], como em seus véus carmesins seu olhar se espraia sobre a Terra adormecida. Contempla a aura ígnea da “Mão de Lhagpa”[131] estendida com amor protetor sobre a cabeça de seus ascetas. Ambos são agora servos de Nyima[132], deixados em sua ausência como vigilantes silenciosos da noite. Contudo ambos, em Kalpas passados, foram brilhantes Nyimas, e em “Dias” futuros talvez possam tornar-se dois Sóis. Tais são as descidas e subidas da Lei Kármica na natureza.

158.

Sê, ó Lanu, como eles. Dá luz e conforto ao fatigado peregrino, e busca o que sabe menos que tu, que em sua mísera desolação está faminto pelo pão da Sabedoria, sem um Instrutor, esperança ou consolação, e fá-lo ouvir a Lei.

159.

Dize-lhe, ó Candidato, que aquele que faz do orgulho e do amor-próprio servos da devoção; que aquele que, apegado à existência, contudo se mostra paciente e submisso à Lei, como uma delicada flor aos pés de Shakya-Thub-pa[133], torna-se *Srotâpatti*[134] neste nascimento. Os Siddhis de perfeição podem parecer remotos, muito remotos; porém está dado o primeiro passo; ele entrou na corrente, e talvez adquira a visão da águia das montanhas, o ouvido da tímida corça.

160.

Dize-lhe, ó Aspirante, que a Verdadeira devoção lhe pode restituir o conhecimento, aquele conhecimento que foi seu em anteriores nascimentos. A visão e a audição dévicas não se podem obter numa curta existência.

161.

Sê humilde, se queres adquirir a Sabedoria.

162.

Sê mais humilde ainda, quando houveres te assenhoreado da Sabedoria.

163.

Sê como o Oceano que recebe todos os rios e riachos. A imensa calma do Oceano permanece inalterada; ele não os sente.

164.

Refreia teu eu inferior com o teu Eu Divino.

165.

Refreia o Divino com o Eterno.

166.

Sim, grande é aquele que é o matador do desejo.

167.

Maior ainda é aquele em quem o Eu Divino matou o próprio conhecimento do desejo.

168.

Vigia o Inferior para que não macule o Superior.

169.

Dentro do teu EU está o caminho para a libertação final.

170.

Esse caminho começa e termina fora do Eu [135].

171.

Não louvado pelos homens e humilde é a mãe de todos os rios, à orgulhosa visão do *Tîrthika*; aos olhos dos néscios, vazia é a forma humana, embora cheia das doces de Amrita. Ademais, a origem dos rios sagrados é a terra sagrada [136], e

aquele que possui a Sabedoria é respeitado por todos os homens.

172.

Arhans e Sábios de visão ilimitada [137] são raros como a floração da árvore Udumbara. Os *Arhans* nascem à meia-noite, tal como a planta sagrada de nove e sete hastes [138], a flor sagrada que desabrocha e viceja na escuridão, do puro orvalho e no leito gelado dos nevados cumes, cumes não pisados por nenhum pé pecaminoso.

173.

Ninguém, ó Lanu, se torna Arhan na existência em que a Alma começa pela primeira vez a ansiar pela libertação. Mas, ó tu ansioso, a nenhum guerreiro voluntário da fera luta entre o vivo e o morto [139], e a nenhum recruta, poderá jamais ser-lhes negado o direito de entrar na Senda que conduz ao campo de Batalha.

174.

Porque ou vencerá ou cairá.

175.

Sim, se vence, o Nirvana será seu. Antes de abandonar a sua sombra, a sua envoltura mortal, essa causa prenhe de angústias e de dor inevitáveis, os homens honrarão nele um Buda grande e Santo.

176.

E se cai, ainda assim não cairá em vão; os inimigos que matou na última batalha não voltarão à vida no próximo nascimento que lhe tocará.

177.

Mas se queres alcançar o Nirvana, ou arrojar fora o prêmio [140], que o fruto da ação e inação não seja o teu motivo, ó tu de intrépido coração.

178.

Sabe que o *Bodhisattva* que troca a libertação pela renúncia, para revestir-se das misérias da vida secreta [141], é chamado “três vezes Honrado”, ó candidato à dor através dos ciclos.

179.

A Senda é uma, Discípulo, mas dupla no final, e seus estágios estão marcados por quatro e sete Portais. Num extremo, bem-aventurança imediata, e no outro, bem-aventurança diferida. Ambas são a recompensa do mérito: a escolha é tua.

180.

A Senda única se torna duas: a *Aberta* e a *Secreta* [142]. Destas, a primeira conduz à meta, e a segunda à Autoimolação.

181.

Quando ao Permanente é sacrificado o Mutável, o prêmio é teu: a gota retorna ao lugar de onde veio. A Senda *Aberta* conduz à mudança imutável: o Nirvana, o estado glorioso do Absoluto, a Bem-aventurança além do entendimento humano.

182.

Assim, a primeira Senda é LIBERTAÇÃO.

183.

Mas a segunda Senda é RENÚNCIA, e por isso é chamada a “Senda das Aflições”.

184.

A *Senda Secreta* conduz o Arham a indizíveis aflições mentais; aflição pelos Mortos vivos [143], e impotente compaixão pelos homens das tristezas kármicas; os frutos do Karma os Sábios não ousam deter.

185.

Pois está escrito: “Ensina a evitar todas as causas; aos ondulantes efeitos, como às grandes vagas da maré, deixarás seguirem o seu curso”.

186.

O “Caminho Aberto”, tão logo hajas atingido sua meta, te levará a rejeitar o corpo bodisattvico e fazer-te entrar no triplamente glorioso estado de Dharmakâya [144], que é o perpétuo esquecimento do Mundo e dos homens.

187.

O “Caminho Secreto” também conduz à bem-aventurança paranirvânica, porém ao fim de inumeráveis Kalpas; Nirvanas ganhos e perdidos por piedade e compaixão sem limites pelo mundo dos ilusos mortais.

188.

Mas está dito: “os últimos serão os maiores”. *Samyak Sambudda*, o Mestre da Perfeição, renunciou seu EU pela salvação do Mundo, detendo-se no limiar do Nirvana – o estado imaculado.

189.

Conheces agora os dois Caminhos. Soará tua hora de escolher, ó tu de Alma ardente, quando houveres chegado ao fim e transposto os sete Portais. Esclarecida está a tua mente. Não mais estás enredado em pensamentos ilusórios, pois aprendeste tudo. Desvelada está ante ti a verdade, e fita-te gravemente. Diz ela:

190.

“Doces são os frutos do Repouso e da Libertação por amor ao

Eu; porém mais doces ainda são os frutos do longo e penoso dever. Sim, a Renúncia por amor aos outros, aos semelhantes que sofrem”.

191.

Aquele que se torna Pratyeka-Buda [145] só reverencia o seu Eu. O Bodhisattva que ganhou a batalha, que tem o prêmio na palma de sua mão, e contudo diz em sua divina compaixão:

192.

“Por amor aos outros adio esta recompensa” – realiza a maior Renúncia.

193.

Esse é um SALVADOR DO MUNDO.

194.

Repara! A meta da bem-aventurança e a longa Senda das Aflições estão no extremo fim. Uma ou outra podes escolher, ó aspirante às Tristezas, através dos ciclos vindouros! ...

195.

Om Vajrapâni Hum.



Fragmento III

Os Sete Portais

196.

“UPÂDYA [146], a escolha está feita, estou sedento de Sabedoria. Agora rasgaste o véu diante da Senda secreta e ensinaste o Yâna maior [147]. Teu servo aqui está para seguir tua orientação.

197.

“Está bem, Shrâvaka [148]. Prepara-te, pois terás de viajar sozinho. O Instrutor pode apenas indicar o caminho. A Senda é uma para todos; os meios para chegar à meta variam com os Peregrinos.”

198.

Qual caminho escolherás, ó tu de coração intrépido? O Samtan [149] da “Doutrina do Olho”, a quádrupla Dhyâna, ou palmilharás o teu caminho através das Pâramitâs [150], seis em número, os nobres portais da virtude, que conduzem a Bodhi e a Prajnâ, o sétimo degrau da Sabedoria?

199.

A áspera Senda da quádrupla Dhyâna serpeia montanha acima. Três vezes grande é aquele que lhe escala o píncaro altíssimo.

200.

Os cumes de Pâramitâ têm de ser escalados por um atalho ainda mais íngreme. Tens de abrir tua passagem através de sete portais, sete fortalezas guardadas por cruéis e astutas Potências – as paixões encarnadas.

201.

Coragem, Discípulo; tem em mente a regra de ouro. Uma vez tenhas atravessado a porta Srotâpatti [151], “aquele que entrou na corrente”; uma vez tenhas posto o pé no leito da corrente nirvânica, nesta vida ou em qualquer outra futura, não tens mais que sete outros nascimentos diante de ti [152], ó tu de Vontade adamantina.

202.

Observa! Que vês diante de teus olhos, ó aspirante à Sabedoria divina?

203.

“O manto da escuridão cobre o abismo da matéria; entre suas dobras me debato. Sob minhas vistas a escuridão se adensa, Senhor; ela se dissipa ao aceno de tua mão. Uma sombra se move, arrastando-se como as dobras da serpente coleante. ... Ela cresce, enfuna-se e desaparece na escuridão.”

204.

É a sombra de ti mesmo fora da Senda, projetada na escuridão de teus pecados.

205.

“Sim, Senhor; vejo a Senda; seu princípio fincado no lodo, seu cimo perdido na gloriosa luz nirvânica. E agora vejo os cada vez mais estreitos Portais no árduo e escarpado caminho para Jnâna.” [153]

206.

Vês bem, Lanu. Estes Portais levam o aspirante a atravessar as águas “até a outra margem” [154]. Cada Portal tem uma chave de ouro que o abre; e estas chaves são:

207.

1. *Dâna*, a chave da caridade e amor imortal.

208.

2. *Shila*, a chave da Harmonia nas palavras e atos, a chave que equilibra a causa e o efeito, não deixando mais lugar para a ação kármica.

209.

3. *Kshânti*, a doce paciência, que nada pode alterar.

210.

4. *Virâga*, indiferença ao prazer e à dor, ilusão vencida, só a verdade percebida.

211.

5. *Vírya*, a intrépida energia que da lama das mentiras terrestres abre seu caminho para a verdade suprema.

212.

6. *Dhyâna*, cuja porta de ouro, uma vez aberta, leva o Naljor [155] para o reino de Sat eterno e de sua incessante contemplação.

213.

7. *Prajnâ*, a chave que faz do homem um deus, criando-o um Bodhisattva, filho dos Dhyânis.

214.

Tais são as chaves de ouro dos Portais.

215.

Antes que possas aproximar-te do último, ó tecedor de tua libertação, tens de dominar estas Pâramitâs de perfeição – as virtudes transcendentais, seis e dez em número [156] – ao longo da cansativa Senda.

216.

Pois, ó Discípulo! Antes que fosses preparado para encontrar teu Instrutor face a face, a luz de teu MESTRE para iluminar, o que foi que te disseram?

217.

Antes que possas te aproximar do primeiro Portal, tens de aprender a separar teu corpo de tua mente, a dissipar a sombra, e a viver no eterno. Para isto, tens de viver e respirar em tudo, como tudo o que percebes respira em ti; de sentir-te morando em todas as coisas, e todas as coisas no EU.

218.

Não deixarás teus sentidos tornarem-se um pátio recreativo de tua mente.

219.

Não separarás teu ser do SER, e do resto, mas imergirás o Oceano na gota, e a gota dentro do Oceano.

220.

Assim estarás em plena harmonia com tudo quanto vive; amarás os homens como se fossem teus irmãos-condiscípulos, discípulos de um único Instrutor, filhos de uma única e doce mãe.

221.

Instrutores há muitos; a ALMA-MESTRA é uma [157], Âlaya, a Alma Universal. Vive nesse MESTRE como SEU raio em ti. Vive em teu próximo como este vive n'ELA.

222.

Antes de assomares no limiar da Senda; antes de transpores o principal Portal, tens de imergir os dois no ÚNICO e sacrificar o pessoal ao EU impessoal, e assim destruir a “senda” entre os dois: o *Antahkarana* [158].

223.

Tens de estar preparado para responder a Dharma, a austera lei, cuja voz te perguntará em teu primeiro passo, o inicial:

224.

“Cumpriste todos os preceitos, ó tu de altas esperanças?”

225.

“Afinaste teu coração e tua mente com o grande coração e mente da humanidade? Pois, como na rugente voz do Rio sagrado ressoam todos os sons da Natureza [159], assim deve

o coração daquele ‘que quer entrar na corrente’, vibrarem resposta a cada suspiro e pensamento de tudo quanto vive e respira”.

226.

Os discípulos podem ser comparados às cordas do *Vinâ*, eco da alma; a humanidade, à sua caixa sonora; a mão que o toca, ao harmonioso alento da GRANDE ALMA DO MUNDO. A corda que falha em responder ao toque do Mestre em doce harmonia com todos os demais, rompe-se – e é lançada fora. Assim são as mentes coletivas dos *Lanu-Shrâvakas*. Têm de estar afinadas com a mente de Upâdhya – unas com a Super-Alma – ou partir-se.

227.

Assim fazem os “Irmãos da Sombra” – os assassinos de suas próprias Almas, o terrível clã Dad-Dugpa [160].

228.

Sintonizaste o teu ser com a grande dor da Humanidade, ó candidato à luz?

229.

Fizeste-o? ... Podes entrar. Antes, porém, de pores o pé na fatigante Senda das tristezas, convém aprenderes primeiro as armadilhas que há em teu caminho.

230.

Armado com a chave da caridade, do amor e da terna misericórdia, estás seguro diante da porta de Dâna, a porta que se ergue à entrada da SENDA.

231.

Vê, ó ditoso Peregrino! O portal à tua frente é alto e largo, e parece de fácil acesso. A estrada que o atravessa é reta, plana e relvada. É qual uma clareira solar no seio da floresta escura, um Oásis na terra, refletido do paraíso de Amitâbha. Ali gorjeiam rouxinóis de esperança, e pássaros de radiosa plumagem, pousados na verde ramagem, cantam triunfos aos Peregrinos intimoratos. Das cinco virtudes dos Bodhisattvas, decantam a quintupla fonte do poder de Bodhi e dos sete passos do Conhecimento.

232.

Passa adiante! Pois trouxeste a chave; estás salvo.

233.

E para a segunda porta o caminho é verdejante também. Mas é íngreme e serpeia montanha acima – sim, até o seu cume rochoso. Névoas cinzentas cobrirão o seu píncaro, e além será tudo escuridão. À medida que o peregrino avança, o cântico de esperança soa cada vez mais débil no seu coração.

O frêmito da dúvida o acossa agora; menos firme se torna o seu passo.

234.

Cautela com isto, ó candidato! Cautela com o medo que, como as asas negras e silenciosas do morcego da meia-noite, se alastra entre o clarão lunar de tua Alma e a tua grande meta, que surge à distância, bem longínqua.

235.

O medo, ó discípulo, mata a vontade e paralisa toda ação. Se é falho na virtude Shila, o peregrino tropeça, e pedras kármicas lhe ferem os pés ao longo da senda pedregosa.

236.

Firma o pé, ó candidato. Banha tua Alma na essência de *Kshânti*[\[161\]](#); porque agora te aproximas do portal que tem esse nome, o portal da fortaleza e paciência.

237.

Não feches os olhos nem percas de vista Dorje[\[162\]](#); as setas de Mâra ferem sempre o homem que não alcançou Virâga[\[163\]](#).

238.

Não te amedrontes. O hálito do medo enferruja a chave de *Kshânti*: a chave enferrujada recusa-se a abrir.

239.

Quanto mais avançares, mais armadilhas teus pés encontrarão. A senda do progresso é iluminada por uma única chama: a chama da audácia, ardente no coração. Quanto mais se ousar, mais se obterá. Quanto mais se temer, mais essa luz empalidecerá – e só ela pode guiar. Porque, como ao último raio do sol que brilha no píncaro de uma alta montanha, segue a noite escura quando o astro se apaga, assim é a luz do coração. Se ela se extinguir, de teu coração cairá, na senda, uma negra e ameaçadora sombra, e teus pávidos pés se estacarão no solo.

240.

Acautela-te, discípulo, contra essa sombra letal. Nenhuma luz que brilhe do Espírito pode dissipar a escuridão da Alma inferior, a não ser que dela tenha fugido todo pensamento egoísta e o peregrino diga: “Renunciei a esta carcaça passageira; destruí a causa: as sombras, meros efeitos, não mais podem subsistir.” Porque teve lugar agora a última batalha, a guerra decisiva entre o Eu *Superior* e o eu *inferior*. Vê: o próprio campo de batalha está agora engolfado na grande guerra, e não mais existe.

241.

Mas uma vez passada a porta de Kshânti, está dado o terceiro passo. Teu corpo é teu escravo. Prepara-te agora para o quarto passo, o Portal das tentações que enlaçam o homem *interior*.

242.

Antes que possas aproximar-te dessa meta, antes que tua mão se erga para levantar a aldrava da quarta porta, debes ter dominado todas as modificações mentais em teu Eu e matado o exército de sensações-pensamentos que, sutis e insidiosas, se insinuam sorrateiras no luzente santuário da Alma.

243.

Se não queres ser morto por elas, tens de tornar inofensivas as tuas próprias criações, filhas de teus pensamentos, invisíveis, impalpáveis, que enxameiam em torno da humanidade, a progênie e herdeiros do homem e seus despojos terrenos. Tens de estudar o vazio do aparentemente cheio, o cheio do aparentemente vazio. Conheces os poderes do Eu, ó perceptor das sombras externas?

244.

Se não os conheces, estás perdido.

245.

Pois, na Senda quarta, a mais leve brisa de paixão ou desejo sacudirá a luz fixa nas brancas e puras muralhas da Alma. A menor ondulação de ânsia ou mágoa pelos ilusórios dons de Mâyâ, ao longo de *Antahkarana* – a senda que se estende entre teu Espírito e teu eu, a estrada real das sensações, os rudes açuladores de *Ahankâra* [164] – um pensamento tão fugaz como o relâmpago te fará perder os teus três prêmios: os prêmios que ganhaste.

246.

Pois, sabe que o ETERNO desconhece mudanças.

247.

“As oito funestas misérias abandona para sempre. Se não, por certo, à sabedoria não podes chegar, nem mesmo à libertação”, diz a grande Senhor, o Tathâgata da perfeição, “aquele que segue as pegadas de seus predecessores.” [165].

248.

Austera e exigente é a virtude de Virâga. Se queres triunfar em sua senda, tens de ter tua mente e tuas percepções mais do que nunca livres de ação mortal.

249.

Tens de te saturar de puro Âlaya, tornar-te uno com o Pensamento-Alma da Natureza. Unificado com ele, és invencível; separado, tornas-te o pátio recreativo de

Samvritti [166], origem de todas as ilusões do mundo.

250.

Tudo é transitório no homem, salvo a pura e brilhante essência de Âlaya. O homem é seu raio cristalino; dentro, um feixe de luz imaculada, e na superfície inferior, uma forma material de argila. Esse feixe de luz é o guia de tua vida e o teu verdadeiro Eu, o Vigilante e o Pensador silencioso, a vítima de teu eu inferior. Tua Alma não pode ser ferida senão através de teu corpo transviado; domina e dirige ambos, e estarás seguro ao passar para a próxima “Porta de Equilíbrio”.

251.

Coragem! ó audaz peregrino “para a outra margem”. Não dês ouvidos aos sussurros das hostes de Mâra; afugenta os tentadores, esses malignos espíritos da natureza, os invejosos Lhamayin [167] do espaço infinito.

252.

Mantém-te firme! Aproximas-te agora do portal central, a porta das Aflições, com suas dez mil armadilhas.

253.

Governa os teus pensamentos, ó esforçado pela perfeição, se queres transpor seguro o seu umbral.

254.

Governa a tua Alma, ó buscador das verdades imortais, se queres atingir a meta.

255.

Fixa o olhar de tua Alma na Única Luz Pura, a Luz liberta de apegos, e utiliza a tua Chave de ouro.

256.

Está feita a cansativa tarefa; teu labor está quase concluído. O largo abismo escancarado para engolir-te, está quase transposto.

257.

Já atravessaste a vala que circunda a porta das paixões humanas. Já venceste Mâra e sua hoste furiosa.

258.

Expurgaste de impoluição o teu coração e o sangraste de desejos impuros. Mas, ó glorioso combatente, tua tarefa não está ainda finda. Constrói alto, Lanu, o muro cercará a Ilha Sagrada [168], o dique que protegerá tua mente do orgulho e satisfação ao pensares na grande façanha realizada.

259.

Um sentimento de orgulho macularia a obra. Sim, constrói-o forte, senão o ímpeto furioso das vagas em pugna, que,

arremetidas do Oceano de Mâya do grande Mundo, se empinam e fustigam as praias, engolirão o peregrino e a ilha – sim, no próprio momento da conquista da vitória.

260.

Tua “ilha” é a corça, teus pensamentos os galgos que a fustigam e atormentam em sua carreira para a corrente da Vida. Ai da corça que é apanhada pelos demônios ladradores antes de alcançar o Vale do Refúgio – Jnâna Mârga, chamada a “senda do conhecimento puro”.

261.

Antes de poderes estabelecer-te em Jnâna Mârga[169] e chamá-la tua, tua alma tem de se tornar como o fruto da mangueira: mole e doce como a sua polpa dourada para as angústias dos outros, e dura como o seu caroço para as tuas próprias dores e angústias, ó Vencedor do Bem e do Mal.

262.

Torna rija a tua Alma contra as ciladas do *eu*; fá-la merecer o nome de “Alma de Diamante”[170].

263.

Porque, tal como o diamante enterrado fundo no coração palpitante da terra nunca pode refletir as luzes terrenas, assim são tua mente e tua Alma; imersas em Jnâna Mârga, nada devem refletir do reino ilusório de Mâya.

264.

Quando houveres chegado a este estado, os Portais que tens de conquistar na Senda se abrirão de par em par para deixar-te passar, e nenhuma resistência terão para deter teu curso os poderes mais fortes da Natureza. Serás senhor da sétima Senda; mas não antes disso, ó candidato a provas indizíveis.

265.

Antes disso, aguarda-te uma tarefa bem mais difícil; tens de te sentir TODO-PENSAMENTO e contudo exilar de tua Alma todos os pensamentos.

266.

Tens de alcançar aquela fixidez mental em que nenhuma brisa, embora forte, possa insuflar-lhe no interior qualquer pensamento terreno. Assim purificado, o santuário deve estar vazio de toda ação, som ou luz terrenos. Tal como a mariposa, colhida pela geada, cai sem vida no limiar, assim devem todos os pensamentos terrenos cair mortos ante o templo.

267.

Olha o que está escrito: “Antes que a áurea chama possa arder e iluminar com firmeza, a lâmpada deve permanecer

bem resguardada, num recanto imune a toda aragem” [171].
Exposta à brisa mutável, o jato de luz vacilará e a trêmula
chama lançará sombras enganosas, negras e sempre
movediças, no alvo santuário da Alma.

268.

E então, ó perseguidor da verdade, tua Mente-Alma se
tornará como um elefante louco, enfurecido no matagal.
Tomando as árvores da floresta por inimigos vivos, parece
em suas tentativas para matar as sempre mutáveis sombras
que bailam na muralha de rochas iluminadas de sol.

269.

Acautela-te, não vá a tua Alma, por cuidar do eu, perder pé
no solo do conhecimento dévico.

270.

Acautela-te, não vá a tua Alma, por esquecer o EU, perder o
domínio sobre sua mente trêmula, e assim deixar de saborear
o justo fruto de suas conquistas.

271.

Acautela-te contra a inconstância! Porque a inconstância é
tua grande inimiga. Essa inconstância te expulsará da Senda
que percorres e te arremessará no fundo dos viscosos
pântanos da dúvida.

272.

Prepara-te e previne-te a tempo. Se tentaste e fracassaste, ó
indômito lutador, não percas, no entanto, a coragem:
continua a lutar e renova a carga, repetidamente.

273.

O guerreiro destemido, com o precioso sangue de sua vida
escorrendo de suas profundas e abertas chagas, atacará o
inimigo, expulsá-lo-á de sua fortaleza, e vencê-lo-á antes dele
próprio expirar. Agi, pois, todas vós que fracassais e sofreis,
agi como de; e da fortaleza de vossa Alma expulsai todos os
vossos inimigos – a ambição, a cólera, o ódio, e até a sombra
do desejo – mesmo quando houverdes fracassado...

274.

Lembra-te, tu que lutas pela libertação do homem [172], cada
fracasso é um êxito, e cada tentativa sincera ganha
oportunamente o seu prêmio. Os santos germes brotam e
crescem invisíveis na Alma do discípulo; seus talos se
robustecem a cada nova prova; dobram como juncos mas não
se quebram, nem podem jamais perder-se. Mas quando soar a
hora, florescerão [173].

275.

Se, porém, vieste preparado, então nada temas.

276.

Daqui em diante o teu caminho segue limpo e reto pela porta de *Vírya*, o quinto dos Sete Portais. Estás agora no caminho que conduz ao refúgio de Dhyâna, o sexto Portal de Bodhi.

277.

A porta de Dhyâna é qual um vaso alabastrino, branco e transparente; dentro dele arde um áureo e firme fogo, a chama de Prajnâ que irradia de Âtma.

278.

Tu és esse vaso.

279.

Tu te retraíste dos objetos dos sentidos, percorreste a “Senda da Visão”, a “Senda da Audição”, e manténs-te na luz do Conhecimento. Atingiste agora o estado de Titikshâ [174].

280.

Ó Naljor, tu estás salvo.

281.

Sabe, ó Vencedor dos pecados, que tão logo o Sowaní [175] tenha cruzado a sétima Senda, toda a Natureza vibra de reverente alegria e se faz submissa. A argêntea estrela cintila a boa-nova às flores noturnas, o riacho sussurra a lenda aos calhaus; as escuras ondas do oceano a bramam aos rochedos envoltos de espuma, brisas impregnadas de aromas a cantam aos vales, e altivos pinheiros murmuram misteriosamente: “Surgiu um Mestre, um MESTRE DO DIA” [176].

282.

Ele se ergue agora qual uma coluna branca no Ocidente, sobre cuja face o nascente sol do pensamento eterno verte suas primeiras e mais gloriosas ondas. Sua mente, como um oceano calmo e ilimitado, se estende no espaço sem praias. Ele detém a vida e a morte em sua potente mão.

283.

Sim, ele é poderoso. O Vivente poder nele liberado, esse poder que é ELE PRÓPRIO, pode alçar o tabernáculo da ilusão muito acima dos deuses, acima dos grandes Brahm e Indra. *Agora* ele alcançará seguro o seu grande prêmio!

284.

Não usará ele os dons, que ele lhe confere, para seu descanso e bem-aventurança, sua felicidade e glória bem ganhas – ele, o subjugador da grande ilusão?

285.

Não, ó candidato ao saber oculto da Natureza! Se se quer seguir as pegadas do santo Tathâgata, tais poderes e dons não são para o eu.

286.

Quererás pôr assim um dique às águas nascidas no Sumeru[177]? Desviarás a correnteza em teu proveito próprio, ou a farás subir até a sua nascente, pelas cristas dos ciclos?

287.

Se queres que essa caudal de conhecimentos da Sabedoria de origem celeste, penosamente ganhos, flua como doces águas correntes, não deves deixá-la transformar-se num lago estagnado.

288.

Sabe, se de Amitâbha, a “Idade sem Limites”, queres torna-te um cooperador, então deverás espargir a luz adquirida, como os dois Bodhisattvas[178], em todo o âmbito dos três mundos[179].

289.

Sabe que a torrente de conhecimentos super-humanos e sabedoria dos Devas, que ganhaste, deve, de ti, o canal de âlaya, ser derramada em outro leito.

290.

Sabe, ó Naljor, tu da Senda Secreta, as suas águas puras e frescas devem ser usadas para adoçar as acres ondas do Oceano – esse imenso mar de sofrimentos, formado das lágrimas dos homens.

291.

Ah! Quando houveres te tornado como a estrela fixa no altíssimo céu, esse fúlgido orbe celeste deve brilhar das profundidades espaciais para todos – salvo para si próprio; dá luz a todos, mas não a tomes de ninguém.

292.

Ah! Quando houveres te tornado como a neve pura nos vales das montanhas, fria e insensível ao tato, quente e protetora para a semente que dorme fundo sob seu seio. É essa neve que deve receber a geada mordente, os vendavais do norte, protegendo assim de seu dente aguçado e cruel a terra que guarda a colheita prometida, a colheita que dará pão aos que têm fome.

293.

Condenado por ti mesmo a viver por futuros Kalpas[180], sem o agradecimento e percepção dos homens; entalado como uma pedra entre outras inúmeras pedras que formam a “Muralha Guardiã”[181], tal é o teu futuro se passares a sétima porta. Construída pelas mãos de muitos Mestres da Compaixão, erguida por suas torturas, cimentada com o seu

sangue, ela escuda a humanidade desde que o homem é homem, protegendo-a de ulteriores e muito maiores misérias e aflições.

294.

Por outra parte, o homem não a vê, não quer percebê-la, nem quer dar ouvidos à palavra da Sabedoria... pois não a conhece.

295.

Mas tu a ouviste, tu sabes tudo, ó tu de Alma ardente e cândida... e tens de escolher. Ouve, pois, de novo.

296.

Na Senda de Sowan, ó Srotâpatti [182], estás seguro. Sim, nesse Mârga, onde só trevas vêm ao encontro do cansado peregrino; onde, laceradas por espinhos, as mãos gotejam sangue, os pés são rasgados por seixos duros e agudos, e Mâra maneja suas armas mais potentes – ali há um grande prêmio *imediatamente* após.

297.

Calmo e impassível, o peregrino desliza pela correnteza que conduz ao Nirvana. Ele sabe que quanto mais sangrarem os seus pés, maior será sua limpeza e brancura. Bem sabe ele que depois de sete curtos e fugazes nascimentos, o Nirvana será seu...

298.

Tal é a Senda de Dhyâna, o refúgio do Yogue, a bendita meta que os Srotâpattis anelam.

299.

Não será assim quando ele tiver percorrido e conquistado a senda de Ârhata [183].

300.

Ali klesha [184] é destruído para sempre, e extirpadas as raízes de Tanhâ. Mas para, Discípulo... Ainda uma palavra. Podes destruir a divina COMPAIXÃO? Compaixão não é um atributo. É a Lei das LEIS – a eterna Harmonia, o EU de Âlaya; uma essência universal sem praias, a luz da Justiça eterna, o equilíbrio de todas as coisas, a lei do amor perpétuo.

301.

Quanto mais te unificares com ela, teu ser fundido em seu SER, quanto mais tua Alma se une com o que É, tanto mais te tornarás COMPAIXÃO ABSOLUTA [185].

302.

Tal é a Senda de Ârya, a Senda dos Budas de perfeição.

303.

Por outro lado, o que significam os rolos sagrados que te

fazem dizer:

304.

“OM! Eu creio que nem todos os Arhats obtêm a doce fruição da Senda Nirvânica.”

305.

“OM! Eu creio que nem todos os Budas entram no Nirvana-Dharma.” [186]

306.

“Sim, na Senda de Árya não és mais Srotâpatti; tu és um Bodhisattva [187]. A correnteza está atravessada. É verdade que tens direito à veste Dharmakâya; mas Sambhogakâya é maior do que um Nirvâni, e maior ainda é um Nirmânakaya – o Buda de Compaixão.” [188]

307

Agora inclina a cabeça e escuta bem, ó Bodhisattva – diz a Compaixão: “Pode haver bem-aventurança quando deve sofrer tudo o que vive? Quererás salvar-te ouvindo todo o mundo chorar?”

308

Agora ouviste o que fora dito.

309.

Alcançarás o sétimo degrau e atravessarás a porta do conhecimento final, mas apenas para desposares a dor. Se queres ser Tathâgata, seguir os passos de teu predecessor, permanece altruísta até o interminável fim.

310.

Estás esclarecido – escolhe o teu caminho.

311.

Contempla a suave luz que inunda o céu oriental. Em sinais de louvor se unem céu e terra. E dos quádruplos Poderes manifestados sobe um cântico de amor, tanto do Fogo chamejante como da água corrente, da Terra de suaves perfumes como do Vento uivante.

312.

Escuta! ... do profundo e insondável vórtice dessa luz em que se banha o Vitorioso, a voz sem fala de TODA A NATUREZA se ergue em mil tons para proclamar:

313.

REGOZIJAI-VOS, Ó HOMENS DE MYALBA [189].

314.

UM PEREGRINO VOLTOU “DA OUTRA MARGEM”.

315.

NASCEU UM NOVO ARHAN [190].

316.

. . . PAZ A TODOS OS SERES [\[191\]](#) .

[1] *In Memory of Helena Petrovna Blavatsky*. Por alguns amigos seus. Londres, 1891, pp. 37-38.

[2] Annie Besant, *Autobiografia*, edição “O Pensamento”.

[3] *The Masters as Facts and Ideals*, 1895, p. 21.

[4] *In Memory of H. P. B.*, pp. 31-32.

[5] *Reminiscences of H. P. Blavatsky and “The Secret Doctrine”*, pela Condessa Constance Wachtmeister, M. S. T., Londres, 1893, pp. 160-162.

[6] *The Theosophist*, Suplemento de dezembro, p. LX; fevereiro, pp. 279, 281.

[7] Por A. L. Cleather e B. Crump, Pequim, 1927.

[8] William Kingsland, *The Real H. P. Blavatsky* (1928), p. 119.

[9] W. Y. Evans Wentz, *The Tibetan Book of the Dead* (1927), p. 7. O falecido Lama foi guru do Dr. Wentz. Para um perfil do lado mais humano do Lama, ver o primeiro capítulo do livro *With Mystics and Magicians in Tibet* (1931).

[10] *Scrapbook*, XIX, 292; *Modern Panarion*, 255.

[11] *Scrapbook*, XXX, 106.

[12] *H. P. B.’s Letters*, 150.

[13] “From the venerable Bulátgama (não Dhammârâma) at a temple of the Râmanya Nikâya” (*Old Diary Leaves*, II, 167). Provavelmente Damodar K. Mavalankar se tenha tornado budista na mesma época.

[14] *H. P. B.’s Complete Works*, I, 232.

[15] *Old Diary Leaves*, II, 168.

[16] Charles Blech. *Histoire de la Société Théosophique en France*, pp. 16, 118; ver ainda p. 206. Cf. também o artigo de Subba Row: *The Aryan Arhat Esoteric Doctrine*.

[17] *The Mahatma Letters*, p. 399.

[18] *H. P. B.’s Complete Works*, III, 60.

[19] *Manual of Indian Buddhism* (1896), p. 126.

[20] *Indian Philosophy* (1923), vol. I, p. 644.

[21] *The Mahatma Letters*, p. 288.

[22] *Ibid.*, 53-4.

[23] *Ibid.*, 462.

- [24] *Letters from the Master of the Wisdom*, I, 7.
- [25] *Lucifer*, agosto de 1888, p. 428.
- [26] *The Mahatma Letters*, 111.
- [27] *Ibid.*, 455.
- [28] A referência feita em *The Mahatma Letters* a “kwnen XXXIX” deve, segundo Beal (p. 173), ser lida “Kiouen XXXIX”.
- [29] Recomendo especialmente seu *Outlines of Mahâyâna Buddhism* (1907), *Essays in Zen Buddhism*, primeira e terceira séries (1927, 1934); *The Lankâvatâra Sûtra* (1932). *Studies in the Lankâvatâra Sûtra* (1930). Como o *Outlines* está esgotado há muito tempo, pode ser substituído pelo *Mahâyâna Buddhism* (1938) de Beatrice Lane Suzuki.
- [30] *Letters from the Masters of the Wisdom*, I, 11.
- [31] *The Theosophist*, abril de 1884, p. 171.
- [32] *Talks on the Path of Occultism*, p. 534.
- [33] *Scrapbooks*, XX, 196.
- [34] *The Mahatma Letters*, p. 116.
- [35] *H. P. B.’ Letters*, p. 8.
- [36] *Parmi les Mystiques et Magiciens du Thibet* (1929), p. 247. Não pude encontrar esta passagem na tradução inglesa, que parece ter sido feita de maneira um tanto livre do original.
- [37] *The Mahatma Letters*, p. 285.
- [38] Julgo preferível esta pronúncia. Veja-se também, a respeito, o livro *My Guest – H. P. B.*, por Francesca Arundale, p. 14; e *The Early Teachings of the Masters*, por C. Jinarajadasa, 1923, p. 184 ss.
- [39] *The Secret Doctrine*, V, 389.
- [40] *The Secret Doctrine*, vol. V, pp. 407, 409. Na sétima linha da página 409 deve-se fazer a seguinte correção: ao invés de “author San-Kian-yi-su”, leia-se “author of San-Kian-yi-su”. Quanto à palavra “contrasting” na linha seguinte, é preferível ler-se “comparing”.
- [41] Cf. Edkins, p. 162; *First Series of Essays in Zen Buddhism*, p. 192, por Suzuki; e tradução de Wong do *Wei-lang Sûtra*, pp. 3-5.
- [42] *Prati-Ekabuddha*. Ver Kern, *History of Buddhism in India*, edição holandesa de 1882, vol. I, p. 296.

[43] *Manual of Indian Buddhism* (1896), pp. 61-2.

[44] *Buddhism* (1925), p. 200.

[45] *Loc. cit.*, pp. 198, 200. Na última página a palavra está erroneamente escrita Ashta.

[46] A versão tradicional das Quatro Nobres Verdades as dá como: 1 – *Sofrimento*; 2 – *Causa do Sofrimento*; 3 – *Cessação do Sofrimento*; 4 – *Caminho para a Cessação do Sofrimento*. É evidente sua intrínseca correspondência com a exposição acima.

[47] A Escola do Budismo Esotérico.

[48] No Hinduísmo.

[49] A palavra pale *Iddhi* equivale à sânscrita *Siddhis*, ou faculdades psíquicas, os poderes anormais no homem. Há duas espécies de *Siddhis*: um grupo abrange as energias inferiores, grosseiras, psíquicas e mentais, enquanto a outro exige o mais elevado treinamento dos poderes espirituais. Diz Krishna em *Srímad-Bhâgavat*: “Aquele que se ocupa em praticar o yoga, que subjugou seus sentidos e concentrou sua mente em mim (Krishna), a um tal iogue todos os *Siddhis* estão prontos a servir”.

[50] A Voz Insonora, ou a “Voz do Silêncio”. *Literalmente* talvez devesse ser lido “Voz no *Som Espiritual*, pois *Nâda* é a palavra sânscrita equivalente ao termo do *senzar*.”

[51] *Dhâranâ* é a intensa e perfeita concentração da mente em algum objeto interior, acompanhada de abstração completa de tudo o pertinente ao universo externo, o mundo dos sentidos.

[52] O “grande Mestre” é o termo usado pelos *lanoos* ou chelas para indicar o “Eu Superior”. É o equivalente de *Avalokitesvara*, e o mesmo que o *Adi-Buddha* dos ocultistas budistas, o *Atman*, o “Eu” (Eu Superior) dos *Brahmans*, e *Christos* dos antigos gnósticos.

[53] Alma é o termo aqui usado para o *Ego Humano* ou Manas, aquele que em nossa divisão do Setenário Oculto é referido como a “Alma Humana” (vide *A Doutrina Secreta*), para distingui-la das Almas Espiritual e Animal.

[54] Mahâmaya, “Grande Ilusão”, o Universo objetivo.

[55] Sakkâyaditthi, “ilusão” da personalidade.

[56] *Attavâda*, a heresia da crença na Alma, ou antes, na Alma ou *Eu* separado do Ser Universal, o *Eu* infinito.

[57] O *Tattvajñâni* é o conhecedor ou capaz de discernir os

princípios na natureza e no homem; e *Atmajânî* é o conhecedor de *Atman* ou o *Ser Uno, Universal*.

[58] *Kâla Hamsa*, a “Ave” ou Cisne (*Vide* nº 11). Diz o *Nâda-Bindu Upanishad (Rig Veda)*, traduzido pela Sociedade Teosófica de Kumbakonam: “Considera-se ser a letra A a asa direita da ave Hamsa; U, a esquerda; M, a sua cauda, e o Ardha mâtâ (meio metro ou verso), a sua cabeça”.

[59] Entre os orientais, eternidade tem um significado completamente diferente daquele que entre nós lhe damos. Corresponde geralmente a 100 anos ou “idade” de Brâmâ, à duração de um Kalpa ou a um período de 4.320.000.000 anos.

[60] Diz o mesmo *Nâda-Bindu*: “O Iogue que cavalga a Hamsa (e assim contempla o AUM) não é afetado por influências kármicas ou milhões de pecados.”

[61] Renuncia à vida da personalidade física se queres viver em espírito.

[62] Os três estados de consciência, que são *Jâgrat*, a vigília; *Svapna*, o sonho; e *Sushupti*, o estado de sono profundo. Estas três condições ióguicas conduzem à quarta, ou

[63] *Turiya*, aquela além do estado sem sonhos, acima de todos, um estado de alta consciência espiritual.

[64] Alguns místicos sanscritistas localizam sete planos de existência, os sete *lokas* ou mundos espirituais dentro do corpo de Kâla Hamsa, o Cisne além do Tempo e do Espaço, conversível em Cisne *no* Tempo, quando se torna Brahâmâ em vez de Brahma (neutro).

[65] O Mundo fenomênico dos Sentidos e da consciência terrestre – unicamente.

[66] A Sala da Instrução Probacionária.

[67] A região astral, o mundo psíquico das percepções supersensíveis e visões enganosas – o mundo dos médiuns. É a grande “serpente astral” de Éliphas Lévi. Nenhuma flor apanhada em tais regiões jamais foi trazida à terra sem sua serpente enrolada no talo. É o mundo da *Grande Ilusão*.

[68] A região astral, o mundo psíquico das percepções supersensíveis e visões enganosas – o mundo dos médiuns. É a grande “serpente astral” de Éliphas Lévi. Nenhuma flor apanhada em tais regiões jamais foi trazida à terra sem sua serpente enrolada no talo. É o mundo da *Grande Ilusão*.

[69] O Iniciado que guia o discípulo, através do Conhecimento a ele comunicado, para o seu segundo nascimento, ou o espiritual, é chamado o *Pai*, guru ou Mestre.

[70] O criado e o incriado.

[71] *Ajnâna* é ignorância ou não sabedoria, o contrário de “Conhecimento”, *Jnâna*.

[72] *Ajnâna* é ignorância ou não sabedoria, o contrário de “Conhecimento”, *Jnâna*.

[73] A câmara interna do Coração, chamada em sânscrito *Brahma pura* (cidade de Brahma). O “ígneo poder” é *Kundalini*.

[74] “Poder” e “Mãe do Mundo” são os nomes dados a *Kundalini* – um dos poderes místicos do Iogue. É *Buddhi*, considerado como um princípio ativo em vez de passivo (como o é em geral, quando encarado apenas como o veículo ou receptáculo do Espírito Supremo – *Atmâ*). É uma energia eletroespiritual, um poder criador que, quando ativado, pode tanto matar como criar.

[75] *Kechara*, “caminhante” ou “andarilho do Céu”. Segundo se explica no 6º *Adhyaya* desse rei dos livros místicos, que é o Jnaneshvarî, o corpo do Iogue se torna como que *formado de vento*; qual “uma nuvem de que brotassem membros”, após o que – “ele (o Iogue) contempla as coisas além dos mares e das estrelas; ouve e compreende a linguagem dos Devas e percebe o que se passa na mente da formiga”.

[76] O Eu Superior.

[77] *Vinâ* é um instrumento de cordas hindu, tal qual um alaúde.

[78] Os seis princípios; significa que a personalidade inferior é destruída e a individualidade interna submerge e perde-se no Sétimo (princípio), o Espírito.

[79] O discípulo é uno com Brahma ou *Átman*. (Cf. nota 4. *N. do T.*)

[80] A forma astral produzida pelo (quarto) princípio *kâmico*, o *kama-rupa* ou corpo de desejos. Refere-se ao Eu *peçoal* ou astral.

[81] *Mânasa-rupa* refere-se à Individualidade ou Ego reencarnante, cuja consciência em nosso plano, ou *Manas inferior*, tem de ser paralisada. (É o quinto princípio, a contar do físico, ou melhor, do Duplo Etérico. *N. do T.*)

[82] *Kundalini*, o “Poder Serpentino” ou o fogo místico. É chamado o poder “serpentino” ou *anular* por causa de sua atuação ou progresso em espiral, no corpo do asceta que

desenvolve esse poder em si mesmo. É uma oculta potência ígnea ou foática, a grande força prístina, subjacente em toda a matéria orgânica ou inorgânica.

[83] Menciona-se esta “Senda” em todas as obras místicas. Como diz Krishna em *Jñaneshvarí*: “Quando se contempla esta Senda... quer se dirija para o esplendor do Oriente ou para as câmaras do Ocidente, *sem movimento é, ó Arqueiro, a viagem por esta estrada*. Nesta Senda, a qualquer lugar que se vá, *esse lugar se torna o seu próprio eu*”. “Tu és a Senda”, foi dito ao adepto guru, e por este ao discípulo, depois da iniciação. “Eu sou o caminho e a Senda”, diz um outro *Mestre*.

[84] Adaptado – a “floração do *Boddhisattva*”.

[85] Tanhã – “a vontade de viver”, o temor à morte e o amor à vida; a força ou energia que causa os renascimentos.

[86] Vide Nota 23. (*N. do T.*)

[87] Os sons místicos, ou a melodia, ouvidos pelo asceta no princípio de seu ciclo de meditação, chamados *Anáhata-shabdá* pelos iogues. *Anáhata* é o quarto *Chakra*, o do coração.

[88] Significa isto que no sexto estágio de desenvolvimento, que no sistema oculto é *Dhâranâ*, cada sentido como faculdade individual tem de ser “morto” (ou paralisado) no plano físico, ingressando e imergindo no *Sétimo* sentido, o mais espiritual.

[89] Veja-se a Nota 3. Este versículo se refere aos cinco estágios anteriores do Yoga oriental, que aqui acrescentamos, à guisa de esclarecimento do principiante: *Yama* (Restrições), *Niyama* (Observâncias), *Âsana* (Postura), *Prânâyâma* (Regulação da respiração), e *Pratyâhâra* (Abstração ou retraimento dos sentidos). (Ver Os Yoga-Sûtras, II, 29, de Patânjali. *N. do T.*)

[90] Na *Raja Yoga*, cada estágio de desenvolvimento é simbolizado por uma figura geométrica. Este é o *Triângulo sagrado*, que precede *Dhâranâ*. O Δ é o sinal dos altos chelas, ao passo que outra forma de triângulo é a dos altos Iniciados. É o símbolo “I” exposto por Buda, e por ele usado como símbolo da forma incorporada de Tathágata quando liberto dos três métodos de *Prajñâ*. Uma vez passados os estágios preliminares e inferiores, o discípulo não mais vê Δ , mas o..., abreviatura de..., o Setenário completo. *Não se dá aqui a sua verdadeira forma, pois é quase certo que seria aproveitada por charlatães, e o seu uso profanado para fins fraudulentos.*

[91] A estrela que fulge no alto é a “estrela da iniciação”. O sinal

de casta dos *Shaivas*, ou devotos da seita de Shiva, patrono de todos os Iogues, é uma pinta negra redonda, agora, talvez, símbolo do *Sol*, porém que no Ocultismo da antiguidade o foi da estrela da Iniciação.

[92] A base (*upâdhi*) da sempre inatingível “CHAMA”, enquanto o asceta está nesta vida.

[93] Dhyâna é o penúltimo estágio *nesta Terra*, a não ser que se torne um Mahâtmâ completo. Como já se disse, neste estado o Raja Iogue está ainda espiritualmente consciente do Eu e da operação de seus princípios superiores. Um passo mais, e ele estará no plano além do Sétimo (ou Quarto, segundo algumas escolas). Estas escolas, depois da prática de *Prathyâhâra* – um treinamento preliminar para dominar a mente e os pensamentos – contam *Dhâranâ*, *Dhyâna* e *Samadhi*, e incluem os três sob o nome genérico de *Samyama*.

[94] *Samadhi* é o estágio em que o asceta perde a consciência de individualidades, inclusa a sua própria. Ele se torna – o TODO.

[95] As quatro Verdades são, no Budismo do Norte: *Ku*, “sofrimento ou miséria”; *Tu*, a “conjunção das tentações”; *Mu*, “suas destruições”, e *Tau*, a “senda”. Os cinco impedimentos são: o conhecimento da miséria, a verdade sobre a fragilidade humana, as restrições opressivas, e a absoluta necessidade de separar-se de todos os liames da paixão, e mesmo dos desejos. “Senda da Salvação” é o último impedimento.

[96] No portal da “conjunção”, o rei dos Mâras, o Mâhâ Mâra, tenta cegar o candidato com o brilho de sua “Joia”.

[97] *Tau* é a quarta “Senda” dentre as cinco sendas de renascimento que conduzem e atiram todos os seres humanos a perpétuos estados de tristezas e alegrias. Estas “Sendas” são apenas subdivisões da Senda Única*, resultante do Karma.

*Cf. 179 e 197. (*N. do T.*)

[98] As duas escolas da doutrina de Buda, a esotérica e a exotérica, são chamadas, respectivamente, Doutrina do “Coração” e Doutrina do “Olho”. Bodhidharma as chamou na China – de onde os nomes chegaram ao Tibete – as escolas *Tsung-men* (esotérica) e *Kiau-men* (exotérica). A primeira é assim chamada porque seus ensinamentos emanaram do coração de Gautama Buda, ao passo que a Doutrina do “Olho” foi produto de sua cabeça ou cérebro. A “Doutrina do Coração” é também chamada “o selo da verdade”, ou o “verdadeiro selo”; é um símbolo que se encontra no cabeçalho de quase todas as obras esotéricas.

[99] Ver vs. 179; (§) Para uma delas, ver III, n. 43; (+) ver vs. 198, 206 e ss.

[100] “Árvore do conhecimento” é um título dado pelos aderentes do *Bodhidharma* (religião de Sabedoria) aos que atingiram o pináculo do conhecimento místico. Adeptos. Nagârjuna, o fundador da Escola Madhyamika, foi chamado a “Árvore do Dragão”, tomando-se o Dragão como símbolo de Sabedoria e Conhecimento. Respeita-se a árvore porque foi sob a Árvore de Bodhi (sabedoria) que Buda teve seu nascimento e iluminação, pregou seu primeiro sermão, e morreu.

[101] “Árvore do conhecimento” é um título dado pelos aderentes do *Bodhidharma* (religião de Sabedoria) aos que atingiram o pináculo do conhecimento místico. Adeptos. Nagârjuna, o fundador da Escola Madhyamika, foi chamado a “Árvore do Dragão”, tomando-se o Dragão como símbolo de Sabedoria e Conhecimento. Respeita-se a árvore porque foi sob a Árvore de Bodhi (sabedoria) que Buda teve seu nascimento e iluminação, pregou seu primeiro sermão, e morreu.

[102] A Alma de Diamante, Vajrasattva, um dos títulos do Buda supremo, o “Senhor de todos os Mistérios”, chamado Vajradhara e Adi-Buda.

[103] SAT, a Única Eterna e Absoluta Realidade e Verdade; tudo o mais é ilusão.

[104] Da doutrina de *Shin-Sieu*, a qual ensina que a mente humana se assemelha a um espelho que atrai e reflete cada átomo de pó, e tem de ser, como esse espelho, vigiada e limpa todos os dias. *Shin-Sieu* foi o sexto Patriarca do norte da China, que ensinou a doutrina esotérica de Bodhidharma.

[105] Ao EGO reencarnante os budistas do Norte chamam “homem verdadeiro”, o qual, em união com o seu Eu Superior, se torna um Buda.

[106] *Buddha* significa “Iluminado”.

[107] Veja-se a nota II, 1. É o Budismo *exotérico* das massas.

[108] Fórmula usual que precede as Escrituras Budistas; significa que o que segue depois foi registrado por direta tradição oral de Buda e dos Arhats.

[109] Imortalidade.

[110] É assim que Rathapâla, o grande Arhat, se dirige a seu pai na lenda chamada *Rathapâla Sûtrasanne*. Mas como todas essas lendas são alegóricas (p. ex., o pai de Rathapâla tem uma mansão

com *sete portas*), daí a reprimenda a todos os que as aceitam *literalmente*.

[111] Brâmanes ascetas.

[112] Os Egos reencarnantes.

[113] A Sabedoria verdadeira, divina.

[114] O “Eu Superior”, o “sétimo princípio”.

[115] Nossos corpos físicos são chamados “Sombras” nas escolas místicas.

[116] Buda.

[117] Um ermitão que se retira para as selvas e vive num bosque, ao tornar-se Iogue.

[118] *Julai*, o nome chinês para Tathâgata, um dos títulos aplicados a todo Buda.

[119] Todas as tradições do Norte e do Sul concordam em mostrar Buda abandonando sua solidão logo que resolveu o problema da vida – isto é, ao receber a iluminação interior – e instruindo publicamente os homens.

[120] Segundo o ensinamento esotérico, cada EGO espiritual é um dos raios de um “Espírito Planetário”.

[121] As “Personalidades” ou *corpos físicos*, chamados “sombras”, são transitórios.

[122] Menciona-se a *Mente (Manas)*, o princípio pensante do Ego no homem, como sendo o próprio “Conhecimento”, porque os *Egos* humanos são chamados *Manasa-putras*, os filhos da Mente (universal).

[123] *Vide* Parte III, n. 43.

[124] *Ibidem*.

[125] A veste *Shangna*, do Shangnavesu de Râjagriha, o terceiro grande Arhat ou “Patriarca”, segundo a terminologia adotada pelos orientalistas para a hierarquia de 33 Arhats que espalharam o Budismo. “Veste Shangna” significa, metaforicamente, a aquisição de sabedoria com que se entra no Nirvana da destruição (da personalidade). Literalmente, é a “veste de iniciação” dos Neófitos. Afirma Edkins que este “tecido de fibras vegetais” foi trazido, para a China, do Tibete, na dinastia de Tong. “Quando nasce um *Arhan*, acha-se esta planta crescendo num lugar limpo”, dizem a lenda chinesa e a tibetana.

[126] Praticar a Senda de Pâramitâ significa tornar-se um Iogue

com o fim de vir a ser um asceta. (Ver vs. 198, 206 ss.)

[127] “Amanhã” significa o renascimento ou reencarnação seguinte.

[128] Preceitos da Escola Prasanga.

[129] “Grande Jornada” ou o ciclo completo de existências, numa “Ronda”.

[130] Marte.

[131] Mercúrio.

[132] O Sol, na Astrologia tibetana. *Mignar* ou Marte é simbolizado por um “Olho”, e *Lhagpa* ou Mercúrio, por uma “Mão”.

[133] Buda.

[134] *Srotâpatti* ou “aquele que entrou na corrente” do Nirvana, a não ser que atinja a meta devido a razões excepcionais, raras vezes poderá atingir o Nirvana num único nascimento. Diz-se que geralmente um Chela começa o esforço ascensional numa vida e finda ou o atinge só em seu sétimo nascimento sucessivo.

[135] Significa o “Eu” inferior.

[136] Tîrthikas são os sectários bramânicos “além” dos Himalaias, os chamados “infieis” pelos budistas na *terra sagrada*, Tibete, e *vice-versa*.

[137] A visão ilimitada ou psíquica, a vista super-humana. Acredita-se que o Arhan “vê” e sabe tudo, quer esteja perto ou distante.

[138] Vide nota 27: planta *shangna*.

[139] “Vivo” é o Ego Superior, e “morto” o Ego inferior, *pessoal*.

[140] Vide infra, Nota 43.

[141] A “Vida Secreta” é a vida como Nirmânakâya.

[142] A *Senda Aberta* é a que se ensina aos leigos, a exotérica e geralmente aceita; a *Senda Secreta* é aquela cuja natureza se explica na iniciação.

[143] Os ignorantes das verdades esotéricas são chamados os “Mortos vivos”.

[144] Vide infra, Parte III, n. 43.

[145] *Pratyeka Budas* são os Boddhisattvas que se esforçam pela veste de Dharmakâya e frequentemente a obtêm após uma série

de vidas. Nada cuidando das aflições da humanidade, ou de ajudá-la, mas apenas de sua própria *bem-aventurança*, eles entram no Nirvana, e desaparecem da vista e dos corações dos homens. No Budismo do Norte, “Pratyeka Buda” é sinônimo de Egoísmo espiritual.

[146] Upâdya é um preceptor espiritual, um Guru. Os budistas do Norte geralmente o escolhem entre os “*Naljor*”, os homens santos, versados em *gotrabhu-Jnâma* e *Jnâna-darshana-shuddhi*, instrutores da Sabedoria Secreta.

[147] Yâna, veículo. Assim, Mahâyâna é o “Veículo Maior”, e Hinayâna, o “Veículo Menor”; nomes dados no Budismo do Norte as escolas de instrução religiosa e filosófica.

[148] *Shrâvaka*, da raiz “*Shru*”. É um ouvinte, o estudante que assiste às instruções religiosas. Quando da teoria passam à prática, ou realizadores do ascetismo, os estudantes tornam-se *Shramanas*, “exercitadores”, de *Shrama*, ação. Como o mostra Hardy, os dois apelativos correspondem às palavras *akoustikoi* e *asketai* dos gregos.

[149] *Samtan* (tibetano), o mesmo que Dhyâna em sânscrito, ou o estado de meditação, de que há quatro graus.

[150] *Parâmitas*, as seis virtudes transcendentais: caridade, moralidade, paciência, energia, contemplação e sabedoria. Para os sacerdotes há *dez*, que são as anteriores e mais: emprego dos meios justos, a ciência, votos religiosos e força de propósito. (*Budismo Chinês*, de Eitel)

[151] *Srôtapatti* – literalmente, “aquele que entrou na corrente”, a qual conduz ao oceano nirvânico. Este nome indica a primeira *Senda*. O nome da *segunda* é a Senda do *Sakridâgâmin*, “aquele que receberá nascimento (só) uma vez mais”. A *terceira* é chamada do *Anâgamin*, “aquele que não se reencarnará mais”, a menos que deseje ajudar a humanidade. A *quarta* Senda é conhecida como a do *Rahat* ou *Arhat*. É a mais elevada. O Arhat vê o Nirvâna durante a sua vida; para ele não há estado *post-mortem*, mas o de *Samadhi*, durante o qual ele experimenta a bem-aventurança nirvânica.

Como pouco se pode confiar nos orientalistas a respeito de palavras e significados exatos, mostra o caso de três alegadas autoridades. Assim, os quatro nomes que citamos são dados por R. Spence Hardy como: 1 Sowân; 2, Sakradâgâmi; 3, Anâgâmi; 4, Arya. Pelo Rev. J. Ekins são mencionados como: 1, Srôtâpanna; 2, Sagardagam; 3, Anâgamin, e 4, Arhan. Schlagintweit de novo os

escreve de maneira diferente, dando além disso, a cada um, uma nova variante no significado dos termos.

[152] Ver vs. 297.

[153] Conhecimento, Sabedoria.

[154] “Chegar à margem” é, entre os budistas do Norte, sinônimo de alcançar o Nirvana mediante a prática das seis e dez *Pâramitâs* (virtudes).

[155] Um santo, um adepto.

[156] Ver nota III, n. 5.

[157] Ver nota III, n. 5.

[158] Antahkarana é o *Manas* inferior, a Senda da comunicação ou comunhão entre a personalidade e o *Manas* superior ou Alma humana. Na morte é destruído como Senda ou meio de comunicação, e seus restos sobrevivem numa forma, como o Kâmarûpa – a “casca”.

[159] Os budistas do Norte e, de resto, todos os chineses, sentem no fundo rugir de alguns dos grandes rios sagrados, a nota tônica da Natureza. Daí o símile. É um fato bem conhecido, tanto em Física como em Ocultismo, que o som global da Natureza – tal como se houve no rugir de grandes rios, no ruído produzido pelo balanço das copas das árvores, nas grandes florestas, ou o de uma cidade à distância – é uma nota única e definida, de diapasão bem apreciável. Isto o demonstram físicos e músicos. Assim o professor Rice (*A Música Chinesa*) mostra que os chineses reconheceram este fato há milhares de anos, dizendo que as águas do Hoang-ho, ao fluírem torrenciais, entoavam o *kung*, chamado “o grande tom”, na música chinesa. E mostra que este tom corresponde ao F (ou *fá*), “considerado pelos físicos modernos como a tônica efetiva da Natureza”. O Professor B. Silliman também menciona isso em seus *Princípios de Física*, dizendo que se crê “ser este tom o *fá* mediano do piano, que, portanto, pode ser considerado a nota tônica da Natureza”.

[160] Os *Bhöns* ou *Dugpas*, os “Gorros Vermelhos”, são tidos como os mais versados em feitiçaria. Habitam o Tibete ocidental, o Tibete Menor e Bhutan. São todos Tântrikas. É totalmente ridículo encontrarem-se orientalistas, que visitaram as terras fronteiriças do Tibete, tais como Schlagintweit e outros, que confundam os ritos e práticas repugnantes dessa gente com as crenças religiosas dos Lamas orientais, os “Gorros Amarelos”, e seus *Naljores* ou santos homens.

[161] *Kshânti*, “paciência”. Vide *supra* a enumeração das chaves de ouro (VS. 206 ss.).

[162] *Dorje* é o sânscrito *Vajra*, uma arma ou instrumento nas mãos de alguns deuses (os *Dragshed* tibetanos, os *Devas* que protegem os homens), e é considerada como tendo o mesmo poder oculto de repelir más influências, purificando a atmosfera, como o ozônio na Química. É também um *Mudrâ*, um gesto e postura usada no sentar-se para meditações. É, em suma, um símbolo de poder sobre influências malignas invisíveis, seja como postura ou como talismã. Mas os *Bhõns* ou *Dugpas*, havendo se apropriado do símbolo, abusam dele para fins de Magia Negra. Entre os “Gorros Amarelos”, ou *Gelugpas*, é um símbolo de poder, tal qual a Cruz entre os cristãos, embora de nenhum modo mais “supersticioso”. Entre os *Dugpas* é como o duplo triângulo invertido, o sinal da feitiçaria.

[163] *Virâga* (ou *Vairagya*) é o sentimento de absoluta indiferença para com o universo objetivo, e o prazer e a dor. “Desgosto” não expressa o seu significado; contudo, é o mais próximo.

[164] *Ahankâra* – o “eu” ou o sentimento de sua própria personalidade, o “eu-sou-eu”.

[165] “Aquele que segue as pegadas de seus predecessores” ou “daqueles que o precederam”, é o verdadeiro significado do nome *Tathâgata*.

[166] *Samvritti* é uma das duas verdades que demonstram o caráter ilusório ou o vazio de todas as coisas. Neste caso é a verdade *relativa*. A escola de Mahâyâna ensina a diferença entre estas duas verdades: *Paramârthasatya* e *Samvritisatya* (*Satya*, “verdade”). Este é o pomo de discórdia entre os *Madhyamikas* e os *Yogâchâryas*, os primeiros negando e os segundos afirmando que todo objeto existe devido a uma causa anterior, ou por uma concatenação. Os *Madhyamikas* são os grandes Niilistas ou Negativistas, para os quais tudo é *Parikalpita*, uma ilusão ou erro no mundo do pensamento e do subjetivo, tanto quanto no universo objetivo. Os *Yogâchâryas* são os grandes espiritualistas. Portanto, *Samvritti*, como verdade apenas relativa, é a origem de toda a ilusão.

[167] *Lhamayin* são os elementais e espíritos malignos adversos aos homens, e seus inimigos.

[168] O Ego Superior, ou Eu Pensante.

[169] *Jnâna-Mârga* é, literalmente, a “Senda de Jnâna”; ou a

Senda do conhecimento, de *Paramârtha* ou *Svasamvedanâ* (sânscrito), “a reflexão autoevidente ou autoanalítica”.

[170] Vide II, n. 4. “Alma de Diamante” ou *Vajradhara* preside os *Dhyâni-Buddhas*.

[171] Cf. *Bhagavad-Gitâ*, VI, 19.

[172] Esta é uma alusão a uma bem conhecida crença no Oriente (como, também, no Ocidente, sobre esse assunto) de que cada Buda ou Santo adicional é um novo soldado no exército dos que trabalham pela libertação ou salvação da humanidade. Em países do Budismo nórdico, onde se ensina a doutrina dos *Nirmânakâyas* – esses *Bodhisattvas* que renunciaram a um bem ganho Nirvana ou à veste de *Dharmakâya* (ambos os quais os apartam para sempre do mundo dos homens) para auxiliar invisivelmente a humanidade e guiá-la, por fim, ao Paranirvâna – cada novo *Bodhisattva*, ou grande Adepto iniciado, é chamado o “libertador da humanidade”. A afirmação feita por Schlagintweit em seu *Budismo no Tibete*, de que *Prulpai Ku* ou “*Nirmânakâya*” é “o corpo em que os Budas ou *Bodhisattvas* aparecem na Terra para ensinar os homens”, é absurdamente inexata e nada explica.

[173] Referência às paixões e pecados humanos que são mortos durante as provas do noviciado, e que servem de terreno bem adubado em que podem brotar “santos germes” ou sementes de virtudes transcendentais. Preexistentes ou *inatas* virtudes, talentos ou dons se consideram como adquiridos num nascimento anterior. O gênio é, sem exceção, um talento ou aptidão trazido de uma existência anterior.

[174] *Titikshâ* é o quinto estado de *Râja Yoga*: o de suprema indiferença; submissão, se necessário, ao que se chama “prazeres e dores por todos”, mas sem colher prazer nem dor de tal submissão – em suma, tornar-se física, mental e moralmente indiferente e insensível tanto ao prazer como à dor.

[175] *Sowani* é aquele que pratica *Sowan*, a primeira senda em *Dhyâna*, um *Sotâpatti*.

[176] “Dia” significa aqui todo um *Manvantara*, um período de incalculável duração.

[177] Monte Meru, a montanha sagrada dos Deuses.

[178] Na simbologia do Budismo do Norte se diz que Amitâbha ou “Espaço Ilimitado” (*Parabrahma*) tem em seu paraíso dois *Bodhisattvas* – Kwan-shi-yin e Tashishi – que perenemente irradiam luz sobre os três mundos em que viveram, incluso o

nosso (III, n. 27), a fim de auxiliar com esta luz (do conhecimento) na instrução dos Iogues, que por sua vez salvarão os homens. Sua excelsa posição no reino de *Amitâbha* se deve aos atos de misericórdia executados pelos dois, como tais Iogues, quando na Terra, segundo a alegoria.

[179] Estes três mundos são os três planos de existência: o terrestre, o astral e o espiritual.

[180] Ciclos de Idades.

[181] A “Muralha Guardiã” ou a “Muralha Protetora”. Ensina-se que os acumulados esforços de longas gerações de Yogues, Santos e Adeptos, especialmente dos Nirmânakâyas – criaram, por assim dizer, uma muralha de proteção ao redor da humanidade, que a escuda invisivelmente de males ainda piores.

[182] Sowan e Srotâpatti são termos sinônimos.

[183] Do Sânscrito *Arhat* ou *Arhan*. (Na primeira edição inglesa figurava *Aryhata*. Cf. vs. 302.)

[184] *Tanhâ*, a vontade de viver, aquilo que causa os renascimentos.

[185] Esta “compaixão” não se deve encarar à mesma luz de “Deus, o divino amor” dos Teístas. Compaixão corresponde aqui a uma lei abstrata, impessoal, cuja natureza, sendo a Harmonia absoluta, é lançada na confusão pelas discórdias, sofrimentos e pecados.

[186] Na fraseologia budista do Norte, todos os grandes Arhats, Adeptos e Santos são chamados Budas. Estas citações são tomadas do *Thegpa Chenpoido*, “Mahâyâna Sûtra”, “Invocação aos Budas da Compaixão”, Parte I, IV.

[187] Um *Bodhisattva* é, na hierarquia, menos que um Buda perfeito. Na linguagem exotérica se confundem muito estes dois termos. Mas a percepção popular, inata e correta, colocou um *Bodhisattva*, devido ao seu grande sacrifício, mais alto em sua veneração do que um Buda.

[188] Esta mesma reverência popular chama “Budas de Compaixão” aos *Bodhisattvas* que, tendo atingido a posição de *Arhat* (isto é, tendo completado a *quarta* Senda ou a *sétima*), recusam-se a passar para o estado nirvânico ou “a tomar a veste de Dharmakaya e atravessar para a outra margem”, porque então estariam impossibilitados de poder auxiliar os homens, mesmo no pouco que o Karma permite. Preferem permanecer invisíveis (em espírito, por assim dizer) no mundo, e contribuir para a

salvação dos homens, influenciando-os a seguir a Boa Lei, isto é, guiá-los para a Senda da Retidão. Faz parte do Budismo exotérico do Norte honrar como Santos todos os grandes personagens, e mesmo dirigir-lhes orações, como o fazem os gregos e católicos aos seus Santos e Patronos; por outro lado, os ensinamentos esotéricos não acoroçoam tal prática. Há uma grande diferença entre os dois ensinamentos. O leigo exotérico mal conhece o significado verdadeiro da palavra *Nirmânakâya*, e daí a confusão e explicações inadequadas dos orientalistas. Por exemplo, Schlagintweit crê que *Nirmânakâya* significa a forma física assumida pelos Budas quando se encarnam na terra – “o menos sublime de seus obstáculos terrestres” (ver *Buddhism in Tibet*) – e prossegue dando uma interpretação inteiramente falsa do assunto. No entanto, o verdadeiro ensino é o seguinte:

Os três corpos ou formas búdicas se denominam: I. *Nirmânakâya*; II. *Sambhogakâya*; III. *Dharmakâya*.

O primeiro é aquela forma aérea que ela assumiria quando, deixando o seu corpo físico, aparecesse em seu corpo astral – tendo além disso todo o conhecimento de um Adepto. O *Bodhisattva* o desenvolve em si próprio à medida que ele progride na Senda. Tendo atingido a meta e recusado sua fruição, permanece na terra, como um Adepto; e ao morrer, em vez de ir para o Nirvana, fica nesse glorioso corpo, que ele teceu para si próprio, a fim de, *invisível* à humanidade não iniciada, velar por ela e protegê-la.

Sambhogakâya é a mesma coisa, porém com o esplendor adicional de “três perfeições”, uma das quais é a total obliteração de tudo concernente à terra.

O corpo do *Dharmakâya* é o de um Buda completo; não é um corpo, senão tão só um sopro ideal: a Consciência imersa na Consciência Universal, ou a Alma despida de qualquer atributo. Tornando um *Dharmakâya*, o Adepto ou Buda deixa para trás toda possível relação com esta terra, ou pensamento nela. Assim, para capacitar-se a ajudar a humanidade, o Adepto que conseguiu o direito ao Nirvana “renuncia o corpo de *Dharmakâya*”, na linguagem mística, conserva, do *Sambhogakâya*, o imenso e integral conhecimento, e fica em seu corpo de *Nirmânakâya*. A escola esotérica ensina que Gautama Buda, com vários de seus Arhats, é um tal *Nirmânakâya*, e que, em razão de sua grande renúncia e sacrifício pela humanidade, não se conhece ninguém mais elevado que ele.

[189] *Myalpa* é a nossa terra, que a escola esotérica pertinentemente chama o “Inferno”, e o maior de todos os Infernos. A doutrina esotérica não conhece inferno, ou lugar de

castigo, a não ser um planeta habitado por homens, ou a Terra. *Avichi* é um estado e não uma localidade.

[190] Significa que nasceu um novo e adicional Salvador da humanidade, o qual guiará os homens para o Nirvana final, isto é, depois do fim do ciclo de vidas.

[191] É esta uma das variantes da fórmula que invariavelmente acompanha todo tratado, invocação ou instrução: “Paz a todos os seres”, “Bênçãos a tudo quanto vive”, etc. etc.



Clássicos Pensamento

O OCULTISMO PRÁTICO E AS ORIGENS DO RITUAL NA IGREJA E NA MAÇONARIA

H. P. Blavatsky

PEQUENA GRANDE ENCICLOPÉDIA
DA ESPIRITUALIDADE UNIVERSAL

Pensamento

O Ocultismo Prático e as Origens do Ritual na Igreja e na Maçonaria

Blavatsky, H. P.

9788531516535

136 páginas

[Compre agora e leia](#)

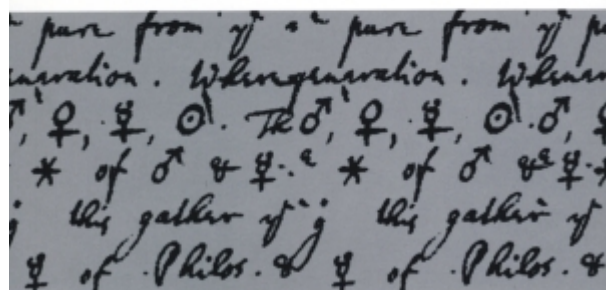
Neste pequeno volume sobre o que realmente vem a ser o que chamamos de "ciências ocultas", assim como sua prática e rituais, Helena P. Blavatsky - a primeira dama do pensamento esotérico ocidental - verte uma nova luz sobre a palavra OCULTISMO e explica de forma didática e direta a diferença entre ocultismo teórico e ocultismo prático e os perigos de se confundir um e outro. Sem deixar de lado as verdadeiras origens dos rituais, suas explicações científicas e os benefícios espirituais que advêm do seu uso correto, Blavatsky esclarece nestas páginas o que é realidade e superstição, principalmente na Igreja e na maçonaria. Para todos os interessados em recuperar o verdadeiro sentido e conhecimento das ciências esotéricas no mundo de hoje, esta é uma leitura indispensável.

[Compre agora e leia](#)

PRIMEIRA EDIÇÃO INTEGRAL EM LÍNGUA PORTUGUESA

AS PROFECIAS DO APOCALIPSE E O LIVRO DE DANIEL

AS RAÍZES
DO
CÓDIGO DA BÍBLIA



SIR ISAAC NEWTON

As Profecias do Apocalipse e o Livro de Daniel

Newton, Sir Isaac

9788531516559

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em 1997, quando era lançado o livro O Código da Bíblia, do jornalista americano Michael Drosnin, baseado nas descobertas do matemático israelense Elyahu Rips, o autor não fazia idéia do que seu livro iria provocar. Dez anos se passaram e agora uma obra mais polêmica ainda é publicada pela Editora Pensamento. Isaac Newton foi um pesquisador do tal código! Seu magnífico trabalho sobre teologia esotérica abordava vários livros da Bíblia, dentre eles, os livros proféticos. Esse tem sido um grande enigma para os seus biógrafos, que ficaram pasmos quando as idéias religiosas do mais famoso cientista da História se revelaram. Além de seu tremendo valor histórico, esta obra resgata o Newton que não conhecemos; o homem comum, que buscava no inusitado e no oculto suas respostas para algo que ele não conseguiu encontrar somente em cálculos diferenciais e nas leis da Física: a Espiritualidade e a ligação com o Absoluto.

[Compre agora e leia](#)



Clássicos Pensamento

Introdução à
**FILOSOFIA
ESOTÉRICA**

Cinira Riedel de Figueiredo

PEQUENA GRANDE ENCICLOPÉDIA
DA ESPIRITUALIDADE UNIVERSAL

Pensamento

Introdução a Filosofia Esotérica

Figueiredo, Cinira Riedel de

9788531516481

192 páginas

[Compre agora e leia](#)

Escrito de forma clara e direta, sem deixar de abordar de maneira profunda os assuntos fundamentais para os aspirantes do Caminho Espiritual, Introdução à Filosofia Esotérica não tem a pretensão de ser um tratado, mas apenas uma introdução a certas leis e princípios fundamentais da vida que, uma vez aplicados, poderão minimizar e sanar muitas aflições relacionadas à vida espiritual. Além disso, este livro nos traz informações precisas sobre: karma, meditação, evolução humana, reencarnação, o uso do álcool e do fumo e suas consequências, vegetarianismo e Caminho Iniciático.

[Compre agora e leia](#)



Clássicos Pensamento

INTRODUÇÃO AO YOGA

Annie Besant

PEQUENA GRANDE ENCICLOPÉDIA
DA ESPIRITUALIDADE UNIVERSAL

Pensamento

Introdução ao Yoga

Besant, Annie

9788531517082

144 páginas

[Compre agora e leia](#)

Este livro contém uma série de quatro conferências feitas pela autora, com a finalidade de preparar e facilitar o estudo e a prática dos Yoga-Sutras de Patanjali, o célebre fundador dessa escola filosófica, também conhecida como Raja Yoga ou Yoga Soberana. Por meio de aforismos, ali se ensina a prática e o desenvolvimento da Concentração, da Meditação e da Contemplação ou Samadhi. Com a clareza que lhe é peculiar, com seus profundos conhecimentos de Yoga e com a colaboração do notável sanscritista dr. Bhagavan Dâs, Annie Besant explica o exato significado dos termos técnicos sânscritos usados no texto; os quatro estados fundamentais da consciência que podem ser definidos pelo Yoga, a dualidade básica da natureza do homem, que possibilita o exercício pleno e eficaz da dinâmica yogue; as relações desta com os demais sistemas filosóficos da Índia e, finalmente, o ótimo resultado ao qual o Yoga pode levar o seu dedicado e perseverante praticante, que nele descobrirá a maior das Ciências da Alma.

[Compre agora e leia](#)



ILUMINAÇÃO DIÁRIA

*O Caminho para a Felicidade
no Mundo Moderno*

SUA SANTIDADE
GYALWANG DRUKPA

O Internacionalmente Aclamado Líder Espiritual

Pensamento

Iluminação Diária

English, Mary

9788531518447

192 páginas

[Compre agora e leia](#)

Iluminação Diária é um guia inspiracional que nos dá as ferramentas necessárias para enfrentarmos os desafios diários do ser humano em nossa sociedade moderna. O grande líder budista do Himalaia, Sua Santidade o Gyalwang Drukpa, nos acompanha nessa jornada e ministra diversas lições para cuidarmos do nosso eu interior. Lançando mão dos ensinamentos da filosofia budista, Iluminação Diária nos ensina por meio de histórias e exemplos, mostrando-nos como calar o ego e combater o estresse, transformar a cólera em compaixão e substituir o medo pela coragem.

[Compre agora e leia](#)